



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE – CCBS  
DEPARTAMENTO DE FARMÁCIA  
CURSO DE BACHARELADO EM FARMÁCIA**

**RANSMÜLLY MENDONÇA ALVES**

**EWE SAWÉÉ JI ÀSE: DESPERTANDO O PODER DO  
ALECRIM (*Rosmarinus officinalis* L.): UMA REVISÃO  
BIBLIOGRÁFICA DOS SEUS ASPECTOS  
ETNOBOTÂNICOS E EM RITUAIS AFRO-BRASILEIROS**

CAMPINA GRANDE – PARAÍBA 2019

RANSMÜLLY MENDONÇA ALVES

**EWE SAWÉÉ JI ÀSE: DESPERTANDO O PODER DO  
ALECRIM (*Rosmarinus officinalis* L.): UMA REVISÃO  
BIBLIOGRÁFICA DOS SEUS ASPECTOS  
ETNOBOTÂNICOS E EM RITUAIS AFRO-BRASILEIROS.**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC  
apresentado ao Departamento de  
Farmácia da Universidade Estadual da  
Paraíba (UEPB) como requisito em  
cumprimento às exigências para a  
obtenção do título de Bacharel em  
Farmácia.

Orientador: Prof. Dr. Thúlio Antunes de Arruda

CAMPINA GRANDE - PARAÍBA

2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A474e Alves, Ransmully Mendonça.  
Ewe Sawéé Ji Àse: Despertando o poder do alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.) [manuscrito] : uma revisão bibliográfica dos seus aspectos etnobotânicos e em rituais afro-brasileiros / Ransmully Mendonca Alves. - 2019.  
58 p. : il. colorido.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Farmácia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde , 2019.  
"Orientação : Prof. Dr. Thúlio Antunes de Arruda , Coordenação do Curso de Farmácia - CCBS."  
1. Etnobotânica. 2. Fitoterapia. 3. Plantas medicinais. 4. Alecrim. I. Título

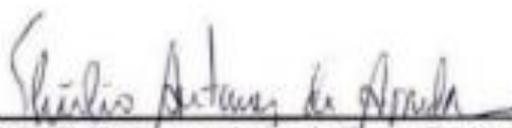
21. ed. CDD 581.634

**EWE SAWÉE JI ÀSE: ACORDANDO O PODER DO  
ALECRIM (*Rosmarinus officinalis* L.) EM UMA REVISÃO  
BIBLIOGRÁFICA DOS SEUS ASPECTOS ETNOBOTANICOS  
E EM RITUAIS AFRO-BRASILEIROS**

**RANSMÚLLY MENDONÇA ALVES**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC  
apresentado ao Departamento de Farmácia da  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)  
como requisito em cumprimento às exigências  
para a obtenção do título de Bacharel em  
Farmácia.

Aprovado em 19 de junho de 2019.



---

Prof.<sup>o</sup> Dr. Thúlio Aguiar de Arruda (Dr. em Produtos Naturais e Sintéticos  
Bioativos)

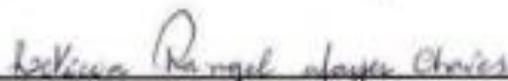
(Orientador – CCBS/UEPB)



---

Prof.<sup>o</sup> Dr. Lindomar de Farias Belém (Dr.<sup>o</sup> em Produtos Naturais e Sintéticos  
Bioativos)

Examinadora – CCBS/UEPB



---

Prof.<sup>o</sup> Esp. Letícia Rangel Mayer Chaves (Esp. em Análises Clínicas)

Examinadora – CCBS/UEPB

## **DEDICO E OFEREÇO ESTE TRABALHO ÀS BASES DA MINHA VIDA**

### ***DEDICO***

Á minha Vó Maria do Socorro Coelho Alves (in memoriam), por ser a grande precursora da minha vida e com quem aprendi e herdei a ânsia por conhecimentos relacionados a saúde e a paixão pelo poder biológico e espiritual das plantas medicinais.

### ***OFEREÇO***

Aos meus pais Raimilande e Sandra, que sempre me amaram apesar de qualquer situação e fizeram tudo o que estava ao seu alcance por mim, e sempre apoiaram minhas escolhas, apesar de não atender os seus anseios.

## AGRADECIMENTOS

À Deus , Jesus Cristo e Virgem Maria, pelo amor incondicional por mim, por nunca terem me desamparado, pelo dom da vida, pela minha saúde, pela minha família pelas oportunidades e pela força que sempre me deram para vencer as dificuldades

Aos meus pais, Raimilande e Sandra que sempre me amaram, me incentivaram e fizeram tudo a seu alcance por mim, e que mesmo em uma vida turbulenta em família sempre se preocuparam com meu futuro e bem estar. A vocês meus agradecimentos e o meu amor.

A minha avó, Maria do Socorro (In memoriam) que foi quem me educou, me mostrou os erros e acertos de uma vida adulta, que me amou como seu próprio filho, que me protegeu e protege até hoje de tudo que está a seu alcance, de tal forma que moldou meu comportamento como ser humano e me incentivou a minha história acadêmica. Ela não só me preparou pra vida, ela também me preparou para a guerra.

A minha Madrasta Maria das Dores, pelo sentimento fraterno, sempre me ajudando e apoiando no trajeto da minha vida e com as atividades do cotidiano. Aos meus irmãos Rallisdan, Ranflislande, Raimilande, Raimundo e Railton, pela parceria e esforço nas horas que eu precisei de ajuda e aos meus tios .

A *Orí*, que guia meus passos para o caminho do sucesso , a *Esú* que sempre me protege nos caminhos da vida e que faz sempre do meu erro um acerto, a *Iyemonjá*, meu orixá *eledá*, que me tirou de cima da cama, que me fez esquecer o que é sentimento de depressão, e que me guia pela vida ensinando e acentuando em mim as suas características de amor fraterno e incondicional. A Osun, que equilibra e adoça minha vida, me ensina a astúcia da água para contornar obstáculos e reestabeleceu meu amor próprio, vaidade e alto-confiança. A *Osalufan*, por me ensinar o dom da paciência e do perdão. A *Ogun* por me abrir os caminhos, pela força incansável e bravura inigualável que traz para minha vida.

A minha querida amiga e guia espiritual, Pomba Gira Cigana, que caminha comigo há vinte anos, me protegendo, orientando , me tirando de enrascadas, e ensinando a importância de ajudar as pessoas . A Pomba Gira Menina , Caboclo Pena Branca e ao Sr. Gira Mundo, por estarem comigo sempre que eu precisar.

Aos meus amigos de todas as horas dentro da Universidade Hykara, Angélica, Silmara, Claudete, Geórgia e Luciana. Nossa amizade já transpõe os muros da UEPB e sempre será lembrada com carinho. As minhas amigas pessoais Maria José e Luanda Alencar.

Aos meus irmãos e irmãs de santo, Andréa de Deus, Rafael Freitas, Rosana Kerr, Terezinha Bernardes, Cristina Pinto, Guilherme Reason e Jean Carlos.

Ao meu amigo, professor e orientador, Thúlio Antunes de Arruda, pela amizade, apoio e incentivo a alinhar os conhecimentos biológicos com os afro . Meus sinceros agradecimentos por enxergar em mim potenciais de conhecimentos que eu não imaginava que tinha e dessa forma aprimorar a minha intelectualidade.

A Ivana Fachine, Lindomar Belém, Adna Bandeira, Helionalda, Maria Bethania , Clésia Pachú, Zilka Nanes, Valéria, Leticia Mayer, Clenio, Rossana Miranda, Sayonara, Rosimery Cunha Lima, professores do curso de Farmácia, pela paciência, dedicação e ensinamentos .

*"Ori tó máa j'oba,  
kò ni sàì jée."*

*"Uma cabeça que nasceu para reinar,  
inevitavelmente será coroada."*

**(Provérbio Yoruba)**

ALVES, Ransmülly Mendonça. **EWE SAWÉÉ JI ÀSE: ACORDANDO O PODER DO ALECRIM (*Rosmarinus officinalis* L.): UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DOS SEUS ASPECTOS ETNOBOTANICOS E EM RITUAIS AFRO-BRASILEIROS.**

Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. Curso de Bacharelado em Farmácia,  
Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2019, Paraíba.

**RESUMO**

*Rosmarinus officinalis* L. (Alecrim) é uma planta medicinal nativa da região do mediterrâneo entre a Ásia e o norte da África e cultivada pelo mundo inteiro. É um arbusto perene e lenhoso que chega a medir 1,5m e possui fragrância intensa. Possui atividades antimicrobiana, antioxidante, antiespasmódica, carminativa, crescimento capilar e prevenção da caspa. Os africanos trazidos para Brasil e escravizados na época da colonização, trouxeram os conhecimentos de uso de ervas e plantas medicinais da farmacopeia tradicional yoruba, e que se perpetuaram dentro das casas de Candomblé, junto com o culto aos orixás, trouxeram o alecrim e as ligações entre as propriedades espirituais e biológicas. Foram analisadas especialmente as atividades antimicrobiana, antifúngica, antioxidante e anti-inflamatória; e sua importância dentro de determinados rituais no candomblé, gerando um elo dos conhecimentos da ciência com a fé.

**Palavras chave:** Etnobotânica, Rituais Afro-brasileiros, Fitoterapia

**ALVES, Ransmully Mendonça. EWE SAWÉÉ JI ÀSE: AGREEING THE POWER OF ALECRIM (*Rosmarinus officinalis* L.): A BIBLIOGRAPHIC REVIEW OF ITS ETHNOBOTANIC ASPECTS AND AFRO-BRAZILIAN RITUALS.** Course Completion Work - TCC. Bachelor's Degree in Pharmacy, State University of Paraíba, Campina Grande, 2019, Paraíba.

## **ABSTRACT**

*Rosmarinus officinalis* (Rosemary) is a medicinal plant native to the Mediterranean region between Asia and North Africa and cultivated all over the world. It is a perennial and woody shrub that reaches to 1,5m and has intense fragrance. It has activities antimicrobial, antioxidant, antispasmodic, carminative, h

air growth and prevention of dandruff. The Africans brought to Brazil and enslaved at the time of colonization, brought knowledge of the use of herbs and medicinal plants from the traditional Yoruba pharmacopoeia, and which were perpetuated within the houses of Candomblé, together with the worship of the orixás, brought the rosemary and the bonds between spiritual and biological properties. The antimicrobial, antifungal, antioxidant and anti-inflammatory activities were specially analyzed; and its importance within certain rituals in candomblé, generating a link of knowledge of science with faith.

Keywords: Ethnobotany, Afro-Brazilian Rituals, Phytotherapy

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. OBJETIVO.....	14
2.1.Objetivos Gerais .....	14
2.2..Objetivos específicos .....	14
3. REFERENCIAL TEÓRICO .....	15
3.1 A chegada dos saberes da África ao Brasil .....	15
3.2 Religiosidade nos cultos de Matriz Afro-brasileira .....	21
3.3 A importância das plantas nos rituais Afro-brasileiros.....	27
3.4 Alecrim.....	34
3.5 Usos em rituais .....	37
3.6 Atividade biológica do Alecrim.....	41
4. METODOLOGIA.....	45
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	47
6. CONCLUSÃO.....	50
7. REFERÊNCIAS .....	51
8. GLOSSÁRIO.....	55

## 1. INTRODUÇÃO

As plantas medicinais têm sido, desde a antiguidade, um recurso ao alcance do ser humano. Ao longo dos milênios, o homem, empiricamente, aprofundou seus conhecimentos para a melhoria nas condições de alimentação e cura de suas enfermidades, demonstrando uma estreita relação entre o uso das plantas medicinais e a sua própria evolução. Muitos povos descreveram a utilização de ervas como forma de medicamentos em seus registros manuscritos, mas séculos se passaram até que o verdadeiro poder das plantas fosse reconhecido. As grandes descobertas de princípios ativos de origem vegetal somente foram possíveis após avanços tecnológicos para o isolamento e elucidação estrutural. Várias substâncias ativas que possuem atividade farmacológica, muitas vezes, indicadas pelo uso popular, tiveram suas atividades comprovadas cientificamente. Atualmente o homem ainda busca soluções para diversas doenças e problemas de saúde e, possivelmente são as plantas que poderão contribuir de maneira significativa para solucioná-los. (DEVIIENNE E POZETTI, 2004)

O uso de plantas medicinais no Brasil remonta a tempos pré-coloniais. Os primeiros europeus que aqui chegaram se depararam com uma grande quantidade de plantas medicinais em uso pelas inúmeras tribos indígenas que habitavam o país. Por intermédio dos pajés, o conhecimento das ervas locais e de seus usos eram transmitidos e aprimorados de geração a geração. Tais conhecimentos foram, então, absorvidos pelos europeus que vieram viver no país. Os conhecimentos sobre a flora local fundiram-se, então, com os conhecimentos trazidos pelos europeus e, mais tarde, pelos africanos (EDITORA, I. F. B, 2016)

Atualmente no Brasil, existem diversas espécies de plantas consideradas medicinais. Apesar do uso de algumas dessas plantas já serem conhecidos, ainda faltam recursos e estudos que aprofundem suas indicações. As plantas medicinais são aquelas que podem levar a curar ou melhorar alguma enfermidade, para utilizá-las é preciso conhecer o vegetal, saber colhê-lo e também prepará-lo. Na medicina popular, geralmente é utilizado na forma de chás ou infusões à frio. Os fitoterápicos, por sua vez, são caracterizados quando a planta medicinal é industrializada, e passa por processos que evitem que ela se contamine com microrganismos prejudiciais a sua ação, com doses e posologia definida para manter a maior segurança e eficácia no seu uso. (ANVISA, 2019).

A Organização Mundial da Saúde (OMS), na 31<sup>a</sup> Assembleia, recomendou aos países-membros o desenvolvimento de pesquisas visando à utilização da sua flora nacional com o propósito terapêutico. A primeira recomendação da OMS é o resgate do conhecimento popular tendo em vista as futuras pesquisas científicas. Das 119 substâncias químicas extraídas de plantas e utilizadas na medicina, 74% foram obtidas com base no conhecimento popular da fitoterapia. A OMS mantém um registro de cerca de 20 mil espécies de plantas medicinais distribuídas em 73 países, 350 delas no Brasil. (SILVA JUNIOR, A.A.; MICHALAK, E, 2014)

Os estudos farmacológicos, fitoquímicos, toxicológicos e clínicos com espécies de plantas medicinais estão mais concentrados naquelas de uso popular mais ancestral, que são nativas de países mais tecnificados ou que apresentam substâncias ou atividades especiais. Nesse contexto, inserem-se a *Ginkgo biloba* L., *Hypericum perforatum* L., *Aloe barbadensis* Mill., *Silybum marianum* L., *Curcuma longa* L., *Centella asiatica*, *Tanacetum parthenium* (L.) Sch. Bip., *Senna angustifolia* Vahl, *Valeriana officinalis* L., *Momordica charantia* L., *Chamomilla recutita* (L.) Rauschert, *Rosmarinus officinalis* L., *Catharanthus roseus* L., entre tantas outras. (SILVA JUNIOR, A.A.; MICHALAK, E, 2014)

A espécie *Rosmarinus officinalis* L., conhecida popularmente como Alecrim, é originária da região Mediterrânea e cultivada em quase todos os países de clima temperado de Portugal à Austrália. A planta possui porte subarborescente lenhoso, ereto e pouco ramificado de até 1,5 m de altura. Folhas são lineares, coriáceas e muito aromáticas, medindo 1,5 a 4 cm de comprimento por 1 a 3mm de espessura. Flores azulado-claras, pequenas e de aromas forte e muito agradável. (PENTEADO, 2005)

Pesquisas de medicina popular em todos os segmentos da sociedade brasileira denotam uma constante vinculação com credos religiosos. Porém, é junto às religiões de influência africana, conhecidas como afro-brasileiras a maior incidência do uso de plantas com propriedades medicinais, tanto nas cerimônias religiosas propriamente ditas, como nos rituais de cura. (DE ARRURA CAMARGO, 1999)

No Brasil, a utilização de plantas medicinais e em rituais é resultado de uma miscigenação entre os indígenas locais, as tradições africanas oriundas do tráfico escravo e a cultura europeia trazida pelos colonizadores (CAMARGO, 1976; SANTOS FILHO, 1991). Além da contribuição cultural, algumas espécies vegetais foram trazidas com os africanos, assim como certas plantas nativas do Brasil foram incorporadas na

sua cultura, ampliando o elenco de espécies que colaboraram para a formação do conhecimento empírico fitoterápico.(FERREIRA, 2018)

Segundo Birman, no Brasil, o candomblé prosperou e expandiu-se consideravelmente desde o fim da escravatura em 1888. Atualmente, o candomblé é uma das principais religiões estabelecidas em território nacional, com seguidores de todas as classes sociais e dezenas de milhares de terreiros. Para os adeptos do candomblé a saúde acontece em três dimensões: saúde mental, saúde do corpo e saúde espiritual. Nesse âmbito, vale ressaltar que há uma forte herança da cultura africana sobre a medicina popular do Brasil, em especial no que tange ao uso de plantas medicinais, recurso largamente utilizado nos primórdios da colonização e que perdura até os nossos dias, consistindo em um campo de saber lúdico e valioso. (PAZ, 2015)

Desta forma, sabendo-se que o povo brasileiro é miscigenado, e apresentando geneticamente fenótipos e genótipos do povo africano, este trabalho busca por meio de uma revisão bibliográfica no tocante etnobotânico aprimorar os conhecimentos científicos no uso do *Rosmarinus Officinalis* (Alecrim) na busca da promoção da saúde humana.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1. Geral:**

- Analisar o uso do *Rosmarinus officinalis* L. (Alecrim) nos rituais afro-brasileiros, por meio de uma revisão da literatura.

### **2.2. Especifico:**

- Verificar através dos conhecimentos trazidos por africanos escravizados a importância do Alecrim nos rituais afro-brasileiros como.

### 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

#### 3.1 A chegada dos saberes da África ao Brasil

O Brasil foi o país que recebeu o maior número de escravos vindos da África. As estimativas vão de três a 15 milhões de africanos deportados para a costa brasileira. O comércio de escravos começou mais cedo e terminou mais tarde que em qualquer outro país do Novo Mundo. As terríveis condições de vida, os baixos custos dos escravos em certos momentos da história e a relativa proximidade em relação à África, são três razões-chave para o fato de África e Brasil terem tido um contato muito maior do que o intercâmbio que ocorreu entre a África e a outra grande sociedade escravagista — os Estados Unidos. Com relação à origem dos escravos no Brasil, em geral, se aceita que eles vieram, em sua maioria, da região em torno do rio Congo e do Golfo da Guiné. Os escravos eram postos para trabalhar em várias atividades; em primeiro lugar, nas plantações de cana de açúcar, depois nas minas, nas plantações de café e na criação de gado. Certamente, uma parte dos escravos trabalhou em serviços domésticos, enquanto outros ainda se engajaram numa série de atividades, da pesca ao comércio ambulante. Alguns escravos conseguiram desenvolver suas próprias atividades econômicas e ganharam dinheiro em seu tempo livre. Este dinheiro era frequentemente utilizado para comprar a alforria, que, embora fosse difícil de ser conseguida, no Brasil era, em geral, mais facilmente alcançada que nos Estados Unidos. Inspirados pela busca de “africanismos” no Novo Mundo, vários antropólogos e sociólogos consideraram o Brasil, e em especial o litoral do Estado da Bahia e o Recôncavo, como uma das áreas nas quais a cultura negra manteve os traços africanos num grau maior do que em qualquer outro lugar. (SANSONE, 2017)

Na verdade, a Bahia tem sido historicamente central não só nos discursos dos intelectuais, mas também nas construções populares sobre a África e os “africanismos” no Brasil. No entanto, apesar do debate sobre o lugar dos descendentes de africanos na nova nação, tanto o “racismo científico” quanto os sonhos de incorporação da população negra, visavam a engenharia biológica: a construção de uma nova “raça” brasileira. Os traços africanos deviam ser removidos da vida, das ruas e do mercado público. As cidades brasileiras tinham de parecer “européias” — não importa que a mortalidade fosse muitas vezes pior que na África. As campanhas de saúde, como, por exemplo, contra a febre amarela, foram seguidas de uma “limpeza” das “regiões

insalubres” — frequentemente aquelas associadas a grandes concentrações de descendentes de africanos. (SANSONE, 2017)

As atividades econômicas informais, também associadas aos primeiros africanos livres, tinham de ser banidas dos centros das cidades. A prática do batuque e das religiões sincréticas brasileiras também foi varrida ou limitada — apenas nos anos 1970 a obrigação de registrar os terreiros de candomblé na polícia, foi suspensa. (SANSONE, 2017)

A última década do século XIX e a primeira década do século XX, também foram períodos nos quais alguns poucos líderes espirituais do candomblé começam a estabelecer contato com a própria África. Eles se beneficiaram do contínuo fluxo de contatos que sempre uniu a Bahia à África Ocidental durante e, em menor extensão, depois do tráfico negreiro. Os núcleos dos antigos escravos brasileiros, que ficavam nas cidades portuárias do Daomé (agora Benin) e da Nigéria, apoiaram este intercâmbio transoceânico. Naquelas décadas, o culto aos orixás se tornou um sistema religioso mais completo e sofisticado. Uma contribuição chave neste sentido veio da cultura iorubá, embora outras culturas africanas, como a *fon*, também foram importantes. (SANSONE, 2017)

De acordo com Matory foi, precisamente por volta da virada do século XIX para o XX, que a grandeza do povo iorubá começou a ser celebrado internacionalmente, como sendo um povo culto e orgulhoso, que resistiu às pressões do colonialismo e tinha uma sofisticada religião própria. Se o expurgo de traços africanos da cultura brasileira e da “raça brasileira”, foi a questão central para o primeiro período, o segundo período é caracterizado por um processo que combinou a incorporação de certos aspectos da cultura negra na autoimagem nacional, com sua mercantilização e comercialização. Isto ocorreu ao mesmo tempo em que emergiam quatro tendências inter-relacionadas: a) a adoção de um mito de origem da população brasileira, como parte do discurso oficial sobre a nação. O “mito das três raças” (o índio, o africano e o português) que se misturaram, para criar uma raça nova, potencialmente sem cor, tem sido celebrado durante as últimas décadas na poesia e na arte, de forma geral. Agora ele se torna parte das políticas culturais oficiais e da liturgia do Estado; b) a emergência de uma organização política negra que tentava se estabelecer nacionalmente, a Frente Negra, e que enfatizava a necessidade de medidas em favor dos “brasileiros de cor” e o populismo nacionalista (“em primeiro lugar estão os brasileiros natos”) e minimizava a

diferença cultural da população negra — para este objetivo, o passado recente do Brasil era muito mais relevante que um distante passado africano, um continente que estes ativistas negros muitas vezes descreviam como “primitivo”; c) a chamada reafricanização da cultura afro-brasileira; d) o apagamento do estigma sobre a cultura negra na área urbana da Bahia, a ponto desta se tornar parte da imagem pública do Estado da Bahia. (SANSONE, 2017)

De acordo com uma longa linhagem de intelectuais, começando no final do século XIX, os escravos desta “sofisticada” parte da África, acima do Equador, seriam a grande maioria dos africanos na Bahia e em outras partes do Brasil, onde as formas “mais puras” do candomblé emergiram, tais como o Maranhão. Onde o sistema religioso africano se tornou, como se dizia, abastardado, isto tinha a ver com a suposta origem “bantu” dos africanos. Os “bantus” eram frequentemente descritos como rudes e sem nenhuma habilidade particular, se comparados aos “iorubá”. Ou seja, eles eram mais fáceis tanto de se submeterem aos senhores de escravos, como para combatê-los através da malfadada magia negra. O Estado da Bahia inclui em sua Constituição de 1988, o ensino da História Africana na educação secundária e políticas de promoção de uma imagem multiétnica na propaganda dos órgãos governamentais. Tais novas medidas multiculturalistas criam novas demandas por informação e por símbolos africanos, apesar deles serem muitas vezes peças e pedaços pré-fabricados, essencializados, das culturas africanas e generalizações superficiais sobre o caráter do “povo africano” — tais ocorrências são comuns nas experiências multiculturalistas nas escolas de alguns países europeus, mas se tornam mais agudas num país onde a educação pública está em crise. (SANSONE, 2017)

Primeiro, um específico olhar de fora contribuiu, certamente, para a construção de um tipo particular de África no Brasil. Nisso alguns estrangeiros têm tido uma função chave. Um bom exemplo foi a forma através da qual Melville Herskovits identificou que certos raços culturais ou hábitos sociais continham graus do que ele chamou de africanismos, e, em tempos mais recentes, a tendência favorável às coisas iorubá do fotógrafo e etnógrafo francês radicado na Bahia, Pierre Verger. (SANSONE, 2017)

O caso do Brasil e dos transatlânticos *fluxes et refluxes* das pessoas, mercadorias, símbolos e ideias, que unem a América do Sul com a do Norte, a Europa e África, formando o Atlântico Negro, é uma evidência de que não obstante tenha ícones que se tornaram genuinamente globalizados, os significados coletivos que são dados a

estes ícones variam bastante a depender do contexto local. O que também demonstra de que tem havido forças “locais” mais poderosas, nas formas como as coisas africanas têm sido classificadas e posicionadas. No próximo futuro certamente haverá mudanças devido ao fato de que hoje, mais que nunca, instâncias locais, como aquela ligadas às culturas e identidades negras na Bahia, têm elos globais que podem superar o estado nação. (SANSONE, 2017)

Deixe-me primeiro dar uma definição de cultura(s) negra(s) adequada ao objetivo deste texto. A cultura negra pode ser definida como a específica subcultura de pessoas de origem africana dentro de um sistema social que enfatiza a cor, ou a descendência a partir da cor, como um importante critério de diferenciação ou de segregação das pessoas. Isto quer dizer, que, por definição, nem todas as pessoas identificáveis como negras se reconhecem ou participam na cultura negra, o tempo inteiro. Isto significa também que qualquer tentativa de definir de forma estreita o que é uma cultura negra, estabelecendo uma pretensa essência universal, funciona como um cobertor curto — deixa insatisfeitos uns e outros. Neste sentido o termo “cultura negra”, de forma parecida com outros termos de cunho etno-racial, como o próprio termo “raça”, deve ser utilizado mais como uma categoria nativa do que como um instrumento analítico (SANSONE, 2017)

A contribuição da cultura africana também se faz presente em nossas práticas de saúde, mas tal presença não está ainda bem identificada e carece de estudo mais detalhado. Também podemos observar a partir da leitura de memórias e relatos de viajantes estrangeiros (Binzer,1998; Marques, 1922; Werneck, 1986) que os senhores, isolados nas fazendas, lançavam mão frequentemente dos recursos locais para os casos mais graves de doença. Curandeiros, quimbandeiros, feiticeiros eram chamados na ausência dos médicos itinerantes, que só percorriam de tempos em tempos as fazendas. A ausência dos médicos, no entanto, não parece ser determinante no recurso que se fazia aos curandeiros, feiticeiros ou rezadores. A concepção de que a origem das doenças tinha uma natureza sobre-humana explica melhor tal atitude e justifica também o uso de amuletos para se proteger não apenas de doenças, mas de toda sorte de infortúnios(Soares, 2001, p. 407-38) A medicina africana em diversas situações mostrou-se mais eficaz aos olhos da população negra da Corte e, embora os considerassem charlatães, muitos brancos também arriscavam usar os serviços oferecidos pelos negros. O convívio próximo no cotidiano da cidade facilitou muito o intercâmbio cultural entre senhores e escravos (Soares,2001). As lojas de barbeiro

abundam nas cidades e, em geral, seus proprietários são negros ou mulatos, hábeis cirurgiões na arte de sangrar e aplicar sanguessugas. Também a presença de sangradores e curandeiros nos quadros da Santa Casa de Misericórdia já foi atestada (Pimenta, 2003) e não se limitava apenas à aplicação de sanguessugas ou à sangria: “O sangrador, de certa forma, ilustra a permeabilidade entre dois polos de medicina – a acadêmica e a popular”. A prática médica no Brasil resulta de trocas e apropriações de experiências entre europeus, índios e africanos. Esse amálgama de saberes enriquece, desde os tempos da Colônia, o receituário de mezinhas domésticas que constitui prática bastante comum no Brasil no século XIX, tanto na zona rural como nas cidades. É na crônica de viajantes que encontramos observações associando a grande incidência de moléstias e disfunções à má alimentação e aos maus-tratos. Sendo, por tanto, importante fonte para se traçar a história das doenças dos escravos. Podemos também apreciar nos relatos dos viajantes observações espantadas quanto ao uso e o efeito de ervas e feitiços, pelos negros, no tratamento de enfermidades. “Os negros servem-se, em geral, de remédios baseados nas credences que trouxeram da pátria, atravessando o mar, e que conservam zelosamente”, escreve o médico Johann Emmanuel Pohl, em 1818. As relações dos escravos com a saúde estão associadas a outra lógica de explicação da doença. Um estudo mais amplo do legado do negro à prática médica ainda está por fazer. A questão da saúde e da doença do escravo tem sido analisada apenas indiretamente nos trabalhos acadêmicos sobre a escravidão em geral. As obras analisam a história da saúde e das doenças dos escravos em perspectiva abrangente. Abordam temas tais como a relação entre medicina e escravidão e a história biológica da raça negra. A ausência de estudos mais alentados sobre a saúde do escravo na historiografia brasileira talvez seja decorrência da desatenção que a questão da assistência médica à força de trabalho escrava teve ao longo do período da escravidão, como apontamos no início deste ensaio. (PORTO, 2016)

As tradições africanas e europeia, quanto à utilização das plantas medicinais são somadas à cultura indígena, no período da colonização brasileira. Os africanos chegaram ao Brasil como escravos e, após três séculos de escravidão, muitas foram as espécies trazidas do continente africano, contribuindo com plantas usadas em ritos religiosos e também usadas em fórmulas medicinais. Os escravos utilizavam, além das plantas trazidas da África, outras que estavam ao seu alcance como a abóbora, barbatimão, erva cidreira, mamona, maniçoba estas para doenças de mulheres; espinheira santa e saião contra dores; goiabeira e losna para “dor de barriga”; capim

santo, guiné ebata inglesa para dor de cabeça; capim pé de galinha no tratamento de dor de dente; jaborandi, canela sassafrás, erva santa, sucupira para “dor de queda”; dormideira para insônia; para edema casca de cajueiro. Seu conhecimento foi transmitido oralmente através de sentenças curtas baseadas no ritmo da respiração, formando versos pelos babalaôs. (VERGER, 1995; SCISINIO, 1997; ALMEIDA, 2000). Com a imigração europeia, muitas plantas foram trazidas para o Brasil e o conhecimento sobre elas acabou se fundindo com as plantas nativas, com propriedades similares, que eram utilizadas pelos índios (LORENZI, 2002). Estes pela sua tradição, souberam encontrar nas plantas, lenitivo para suas dores, estimulantes e tônicos que lhes proporcionavam vigor e bem estar. O sertanejo nas suas dificuldades experimentou determinados chás para combater uma febre ou uma picada de cobra. (COIMBRA, 1994) A tradição do uso de plantas medicinais tem sido mantida e ampliada pela medicina popular. Os pesquisadores contemporâneos têm validado cientificamente as plantas medicinais originárias dos mais diversos grupos étnicos, que formam a população brasileira, contribuindo sensivelmente para a cura de muitas doenças e consequente melhoria da qualidade de vida do brasileiro. (CAVALAZZI, 2006)

As proximidades latitudinais e, portanto, climáticas entre os continentes africano e americano possibilitaram que alguns povos das savanas africanas e florestas tropicais, como etnias banto, e nagô, encontrassem aqui a continuidade dos saberes das plantas — nas formações savânicas do Brasil, como é o caso do Cerrado, e nas Florestas Tropicais brasileiras, como a Mata Atlântica. (DA SILVA GOMES, 2009)

Numa visão historiográfica e etnobotânica, para se entender como os saberes do povo africano chegou e adaptou-se ao Brasil, vemos que os africanos de várias regiões do continente africano, foram trazidos na forma de escravos para servirem de mão-de-obra barata no tempo na época da colonização. Em condições sub-humanas, viviam no Brasil sem o direito a uma assistência médica digna ao qual tinham os brancos. Condições precárias de saneamento básico e péssimas acomodações nas senzalas fragilizavam a saúde e deixavam como única alternativa de recuperação da saúde dos escravos, o uso de seus conhecimentos de plantas e outros saberes populares ancestrais. Nesse momento os conhecimentos indígenas, as práticas médicas e as plantas medicinais europeias trazidas pelos portugueses e holandeses se fundem com o conhecimento dos africanos escravizados, na busca pela sobrevivência numa terra hostil e sem direitos a soberania e dignidade. Foi nos cultos clandestinos (na época) aos orixás, hoje denominados de Candomblé, que se iniciou a prática de do repasse dos

conhecimentos trazidos da África e dos adquiridos em solo brasileiro sobre de plantas medicinais em relação aos usos litúrgicos e de restauração da saúde, aos descendentes afro-brasileiros. Nesse ponto a crença e o poder de “cura” das plantas se fundem, e se perpetuam dentro das casas de Candomblé existente até hoje. O *Rosmarinus Officinalis* L. (Alecrim) foi uma das plantas de grande importância tanto nas práticas religiosas quanto na busca da sanar enfermidades, e por ser nativo das regiões próximas do mar mediterrâneo, geograficamente localizado entre a Europa, África e uma pequena parte da Ásia; que o seu uso chegou ao Brasil, adaptou-se e hoje faz parte das práticas fitoterápicas brasileiras.

### **3.2 Religiosidade nos cultos de matriz afro-brasileira: Candomblé e Umbanda**

Autores como Nei Lopes (2000) e Roger Bastide (1978) afirmam que o candomblé é uma religião de matriz africana, com origem há mais de 6.000 a.C., e consiste de um conjunto de rituais e de —folhas. A tradição religiosa do candomblé consagra as árvores como marco da vida temporal e, assim como todas as plantas, são mitologicamente tomadas como registro da permanência dos deuses entre os humanos (LOPES, 2007). Cada orixá, por sua vez, possui uma característica que é transmitida ao filho-de-santo, o que possibilita identificar, através do arquétipo humano, os pais míticos, pois cada indivíduo será —descendente, filho de um *òriṣà*, e, por conseguinte, o orixá terá suas folhas, cores, comidas e restrições. O orixá será, assim, o —pail do indivíduo (*Baba mi*) ou sua —mãel (*Iyá mi*), de cuja matéria simbólica — água, terra, árvore, fogo, ar — ele será um pedaço (BARROS; NAPOLEÃO, 2007). Os terreiros, para Lopes (2004, p. 646) compreendem —uma forma de designação genérica do espaço físico onde se sediam as comunidades religiosas afro-brasileiras. Nesta definição os terreiros aportam os rituais tanto de candomblé como de umbanda. O terreiro também é descrito por diversos autores como o templo. —Onde é praticado o culto aos orixás ou dos *eguns*. O termo designa, ao mesmo tempo, o lugar, o sítio geográfico, o santuário e a comunidade ligada a este último (LEPINE, 2004, p. 76). Bastide (2001) toma a geografia do sagrado para entender o terreiro como a síntese de parte da África no Brasil, em termos ritualísticos e espaciais. O tráfico de escravos obrigou etnias

diferentes a se assentarem em um mesmo local. Segundo Verger (2000), o tráfico retirava populações de todas as origens e de todas as —nações e enviava seus navios com povos originários desde Cabo Verde, na costa ocidental, até Moçambique, na costa oriental. Ainda de acordo com Verger (2000), tudo os separava: a língua, os costumes e, algumas vezes, a cultura, que, para alguns, eram inimigas umas das outras. Outras vezes, a condição de exclusão e de ausência de direitos os unia, promovendo novos espaços de solidariedade e resistência. O *candomblé* é o nome dado na Bahia às cerimônias africanas. Ele representa, para os seus adeptos, as tradições dos antepassados vindos de um país distante, fora de alcance e quase fabuloso. Trata-se de tradições, mantidas com tenacidade, e que lhes deram a força de continuar sendo eles mesmos, apesar dos preconceitos e do desprezo de que eram objeto suas religiões, além da obrigação de adotar a religião de seus senhores (VERGER, 2000, p. 24). O culto aos orixás representava na África Ocidental um conjunto de rituais, de diferentes etnias, ligados a bacias hidrográficas diversas, nos quais cada divindade representava o nome de um rio. Assim, tem-se o rio *Oxum*, onde era cultuada a divindade *Oxum*, o rio *Oxossi*, que daria este nome à divindade etc. De forma genérica, essas liturgias diferenciadas estavam distribuídas por toda a região do Golfo da Guiné (BASTIDE, 1992). Em síntese, apesar da migração, a essência e os princípios norteadores seguiram esses povos e seus descendentes. Entre os princípios que encontramos na cultura negro-africana das plantas está o da interação entre a natureza e o homem, mediados pelas relações mitológicas. (DA SILVA GOMES, 2009)

Quando na *diáspora*, milhares de africanos vieram habitar o novo continente na condição de escravos, trouxeram consigo fragmentos culturais ligados às crenças e tradições religiosas de seus povos que se misturaram no interior das senzalas (OLIVEIRA, 1975; BASTIDE, 1978). Ao longo do processo de adaptação no novo território os escravos se familiarizaram com as plantas locais, conhecendo suas propriedades mágicas e medicinais e remodelando seu sistema médico-litúrgico (LIMA, 2003). As primeiras manifestações ritualísticas e religiosas praticadas pelos escravos no início do século XVII foram chamadas pelos portugueses de feitiçaria. Os "escravos feiticeiros" eram conhecidos por utilizar ervas em rituais de magia, benzeduras e como remédios. Com a instituição do Santo Ofício em Portugal em 1536, no reinado de D. João III, essas práticas passaram a ser proibidas, sob acusação da Igreja católica de pacto com o demônio, e eram sujeitas a severas punições (CAMARGO, 2014). Essas práticas se deram durante muitos anos na clandestinidade e, gradativamente, uma

estrutura primitiva de manifestações mais organizadas começou a se formar. Um termo, de origem angola, frequentemente utilizado nos autos da Inquisição dos séculos XVII e XVIII para designar 25 essas práticas era *calundu* (PARÉS, 2007). Outros nomes que eram dados às práticas ritualísticas dos negros eram *batuque* e *batuquejê*. Eram descritas como danças coletivas, cantos e músicas acompanhados de instrumentos de percussão, invocação de espíritos, sessões de possessão, adivinhação e rituais de magia (SILVA, 2007). Outra prática muito antiga dos escravos era a *Cabula*, que sincretizava santos católicos com deuses africanos, na qual os negros mesclavam suas crenças e culturas com o catolicismo para conseguirem praticar e perpetuar sua fé (MARTINS, 2006). Em 1738, o prior dos beneditinos da Bahia comentava que os escravos se reuniam em sociedades para fazer seus calundus e bailes às escondidas nas casas e roças, com altares de ídolos, sacrifício de animais e oferendas alimentícias (PARÉS, 2007). Essas "sociedades" pareciam ir além de simples práticas de curandeirismo ou adivinhação, e são consideradas os antecedentes dos candomblés do século XIX (LIMA, 2003; PARÉS, 2007). Com o objetivo de união e fortalecimento os negros africanos passaram a formar as famílias de santo, compostas por escravos de mesma nação de procedência, e que deram início à estruturação dos primeiros terreiros, nos quais africanos e descendentes se reuniam e estabeleciam vínculos, baseados em laços de parentesco religioso (SILVA, 2007). As famílias de santo são o resultado do processo de reconstrução religiosa a partir da pluralidade de fragmentos culturais (PARÉS, 2007). A iniciação no "santo" marcava o começo de uma nova vida, selada pelo compromisso espiritual com os seus deuses Orixás e seu Pai ou Mãe-de-santo, unidos por vínculos sagrados (CAMARGO, 2014). A palavra Orixá em ioruba significa "dono da cabeça" ou "aquele que rege a coroa", "ori" = cabeça, "xá" = dono, pois acredita-se que os Orixás, através da irradiação das energias que representam, tenham o poder de exercer influência direta nas pessoas, guiando seus caminhos, regendo a sua coroa. Os Orixás representam essencialmente as forças da natureza e as irradiações dessas energias (VERGER, 2002; COSSARD, 2008; SARACENI, 2015). Centenas de Orixás eram cultuados em terras africanas antes da diáspora, porém após o processo de miscigenação cultural que ocorreu entre os próprios africanos, poucos passaram a ser cultuados nas terras brasileiras, prevalecendo: *Exu, Ogum, Oxossi, Obaluaiê, Oxumaré, Ossaim, Xangô, Oxum, Logunedé, Iansã, Oba, Nanã, Iemanjá, Oxalá* e *Erê*, cada um representando um elemento da natureza (PRANDI, 2005; LIMA, 2003). Para garantir a liberdade de cultuar seus deuses sem serem perseguidos, os escravos sincretizaram os

Orixás africanos com os santos católicos, alegando se tratarem das mesmas entidades, apenas com roupagens diferenciadas e, dessa forma, os colonizadores portugueses passaram a tolerar seus rituais, que gradativamente ganharam espaço e se solidificaram nas terras brasileiras (COSSARD, 2008). Começava então a se formar o Candomblé, uma religião dos negros escravos, de origem ancestral e que se estruturou no Brasil (OLIVEIRA, 1975). Trata-se do primeiro registro da palavra Candomblé, um termo provavelmente de origem banto. O título de "presidente" sugere uma incipiente organização hierárquica de uma coletividade religiosa (PARÉS, 2007). É difícil afirmar quando de fato surgiu o primeiro terreiro de Candomblé na Bahia, mas existe um consenso de que o Ilê Axé Iyá Nassô Oká, também conhecido como Casa Branca do Engenho Velho, fundado na cidade de Salvador na década de 1830, tenha sido o pioneiro, e que mantém suas atividades até os dias atuais (VERGER, 2002). Um fato interessante é que, apesar de os Candomblés contarem entre seus participantes com um número significativo de escravos, e terem servido muitas vezes de refúgio para escravos fugitivos, a instituição não foi desenvolvida exclusivamente por esse segmento social. De fato, a formação das congregações religiosas foi um fenômeno liderado essencialmente por libertos, que possuíam maior mobilidade e disponibilidade de recursos e, dessa forma, desempenharam papel crítico no desenvolvimento e na manutenção do Candomblé (RAMOS, 1979; PRANDI, 2000). Um dos principais elementos simbólicos dentro do Candomblé é o culto aos Orixás. No Candomblé acredita-se que cada pessoa tem um par de Orixás pessoal, o Pai e a Mãe-de-cabeça, que cuidam do equilíbrio energético, físico e emocional dos seus "filhos". Dessa maneira, cada filho-de-santo obedece a uma hierarquia espiritual, na qual existem oferendas específicas para cada Orixá e plantas selecionadas que são utilizadas nos rituais de iniciação, nos banhos e outras "obrigações" (VOGEL et al., 1993; VERGER, 2002; COSSARD, 2008). No Candomblé, o Orixá conhecido como a divindade das folhas é *Ossaim*, o dono das florestas e detentor de toda a sabedoria e conhecimento do reino vegetal (VERGER, 1997). Segundo as lendas africanas, *Ossaim* é irmão de *Oxossi* e vive nas matas, onde aprendeu todos os segredos da magia das ervas (FARELLI, 2010). (PAGNOCCA, 2017)

A Umbanda é uma religião genuinamente brasileira, estruturada sob a influência das culturas ibérica, indígena e africana. Foi criada e fundamentada por Zélio Fernandino de Moraes, em 1908, no Rio de Janeiro (CUMINO, 2015). Trata-se de uma religião na qual atendimentos espirituais são realizados àqueles que necessitam, baseado

na prática do amor ao próximo e da caridade. As entidades que se apresentam nos terreiros são muitas vezes espíritos que antes haviam encarnado em solo brasileiro como indígenas, escravos, crianças e outros (SARACENI, 2005). Segundo Saraceni (2005) a Umbanda surgiu timidamente como a linha das Umbandas que se apresentavam nos barracões de Candomblé, desde meados do século XIX, e que no início do século XX já era tão poderosa que havia se espalhado por muitas regiões do Brasil. Alguns acreditam que a Umbanda tenha se originado a partir da Cabula, que já era amplamente presente como atividade religiosa afro-brasileira principalmente no Rio de Janeiro (CAMARGO, 2014). A presença de elementos litúrgicos da Cabula na Umbanda é evidente, como o uso da *pemba*, das velas e a presença dos *cambones* (CUMINO, 2015). Mesmo antes da organização e estruturação definida, muitos elementos formadores da Umbanda já estavam presentes no universo religioso popular no final do século XIX, principalmente nas práticas banto (SILVA, 1994). Dos africanos a Umbanda fixou o culto ao Orixás, a cerimônia ritualística e também a magia cerimonial. Os indígenas inspiraram o culto aos antepassados e a personificação das forças da natureza, e a raiz ibérica forneceu o dogmatismo da religião católica junta mente com seus símbolos e crenças (OLIVEIRA, 1975). O kardecismo, criado na França por Allan Kardec, chegou ao Brasil em meados do século passado e, juntamente com os outros elementos citados, influenciou fortemente a formação da Umbanda no Brasil (TRINDADE, 1986; SILVA, 1994; CUMINO, 2015). (PAGNOCCA, 2017)

O panteão dos Orixás consagrados na Umbanda, embora possua uma posição hierárquica semelhante à do Candomblé, sofre variações de terreiro para terreiro. Na Umbanda prevaleceram os Orixás: *Oxalá*, *Ogum*, *Oxossi*, *Xangô*, *Iansã*, *Iemanjá* e *Oxum* (SARACENI, 2005). Um dos fundamentos básicos da Umbanda é o uso das plantas nos seus rituais, por serem portadoras do axé, elemento primordial para a realização dos trabalhos (SARACENI, 2015). Acredita-se que as plantas são capazes de influenciar no plano espiritual e nas camadas energéticas que compõem a aura dos seres vivos, através de uma troca de fluidos energéticos. Elas são capazes de neutralizar certas energias e potencializar outras, equilibrando o ambiente (GIMENES, 2016). Na Umbanda são praticados diferentes rituais nos quais as plantas desempenham papéis de extrema importância, como no *amaci*, nos batizados, na composição dos defumadores, nos banhos de descarrego, nas oferendas e ainda como amuletos de proteção (MENDONÇA, 2012; SARACENI, 2015). Os filhos-de-santo obedecem a uma hierarquia na qual cada conjunto de plantas está relacionada a um Orixá específico, e

que determina quais plantas podem ser utilizadas por cada um a depender do Orixá regente da sua cabeça (MENDONÇA, 2012; CUMINO, 2015). Particularidades ritualísticas podem ser observadas em alguns terreiros a depender das suas origens culturais, porém uma característica marcante da Umbanda, e talvez a que mais a diferencie do Candomblé, é a ausência de animais em rituais de oferenda e obrigações. O sangue animal foi substituído pelo plasma vegetal, que tornou-se responsável por oferecer o *axé* necessário para "firmar" os trabalhos. (PAGNOCCA, 2017)

Latour não sabia muito sobre candomblé, mas a observação que ele fez sobre “fazer o santo” é interessante. De facto, no candomblé os “santos” são construídos como agentes autónomos, enquanto os filhos-de-santo se constroem a si mesmos como pessoas. “Fazer o santo” é um processo de construção da pessoa em relação com os espíritos que incorpora, como mostrou Goldman (1985), e o “outro corpo” destes espíritos, os altares (*assentos*) (Sansi, 2005). De facto, não é só ao falar da “feitura do santo” que podemos entender a relação entre espíritos e pessoas no candomblé, ou a construção de pessoas no candomblé em geral. Isto porque existe sempre uma série de elementos nessas relações e processos que escapam ao discurso cíclico da iniciação: elementos imprevistos, novos, com uma historicidade particular. Na tradição da antropologia afro-brasilianista, as descrições etnográficas da iniciação no candomblé são centrais para o argumento da autenticidade da tradição religiosa africana no Brasil. Os críticos dessa literatura afro-brasilianista questionaram essa “tradição inventada” e o discurso das origens. Poderíamos dizer que o objetivo principal da iniciação é “domesticar” o corpo, preparando-o para incorporar o orixá. Nas suas primeiras manifestações, o “santo” pode entrar no corpo do seu “cavalo” com muita violência. Com a iniciação, o corpo fica preparado para incorporar e aprende a controlar e a focalizar o “santo”. Depois de uma longa reclusão na intimidade dos assentos no quarto do santo para aprender os segredos do culto, as cantigas, o uso das folhas, os sacrifícios, a iniciada sai do quarto no *abá baxé*. A cabeça da iniciada é raspada pela mãe-de-santo, que faz um pequeno corte no cimo da cabeça, onde é derramado o sangue dos sacrifícios e outros elementos do *axé*. Estas inovações, interpretadas como “sincretismo”, têm sido objeto da suspeita de muitos antropólogos da tradição afro-brasilianista, que sempre valorizaram as “tradições” baseadas na iniciação, essencialmente a tradição *ketu*, das grandes casas de candomblé de Salvador da Bahia. Como descreveu Boyer (1996), nas últimas décadas o prestígio destas casas e a sua ortodoxia têm vindo a impor-se à

diversidade das práticas baseadas no “dom” dos médiuns. De fato, este movimento anti-sincretismo está a gerar transformações históricas na prática das religiões afro-brasileiras. Liderado pela mãe-de-santo do *Ilé Axé Opô Afonja*, Mãe Stella, este movimento promoveu uma reforma nas práticas do culto baseada na renúncia ao culto dos espíritos não considerados africanos (como os caboclos) nas casas de candomblé *ketu*, além da restrição do culto católico nos terreiros e da retirada das imagens católicas das casas dos (SANSI, 2009)

O culto aos orixás existe há milênios como afirmam os estudiosos Ney Lopes e Roger Bastide, para que possamos compreender a historiografia do culto, é importante se esclarecer que na África, as tribos e cidades faziam reverência a um único orixá, que era considerado o “Padroeiro” daquela determinada região . Como a África é um continente enorme, vários orixás eram cultuados em diferentes regiões e as bacias hidrográficas africanas são de grande relevância tanto para o culto dos deuses africanos quanto para a migração para outras regiões . Esse culto conseguiu atravessar o oceano dentro dos navios negreiros de forma que ao chegar no Brasil, não havia mais a possibilidade de se cultuar apenas um orixá , pois os africanos escravizados vinham de diferentes regiões da África, trazendo conhecimentos distintos e formas de culto com denominações e preceitos diferentes, o Candomblé pelo que pode entender é o conjunto de cultos a diversas divindades africanas, de diferentes regiões da África com suas características mimetizadas ao máximo ao culto de solo africano, porém unindo essas diferentes divindades num mesmo espaço de culto. As primeiras manifestações de culto africano no Brasil aconteciam de forma clandestina, perseguida e improvisada. O candomblé passou por várias etapas no processo histórico do Brasil até deixar de ser uma organização clandestina e passar ser aceito e regularizado. Seria um estudo muito intenso e profundo explorar todos os fatos históricos que compõem a linhagem de nascimento do candomblé no Brasil, e fugiria do propósito deste trabalho. Em 1908 surge a Umbanda um culto genuinamente brasileiro, embasado nos conceitos do Espiritismo Kardecista , no Catolicismo e no Candomblé, sendo um culto a diferentes espíritos de pessoas que viveram na terra e desencarnaram. Os rituais de Umbanda apesar de ter um embasamento no Candomblé, apresenta características individuais e há substituição de processos iniciáticos e também de conceitos, e é justamente por essas diferenças que o foco deste trabalho se envereda para o Candomblé; mais precisamente para os rituais do Candomblé de *Ketu*. Assim como no culto tradicional na África, o

Candomblé adotou os rituais de iniciação para que o religioso seja considerado efetivamente como candomblecista. O ritual de iniciação ao Candomblé, também conhecido como “feitura de santo” ou “raspar a cabeça” trata-se de um conjunto de outros rituais para estabelecer uma sintonia de possessão entre a divindade e o filho de santo.

### **3.3 A importância das plantas nos rituais Afro-brasileiros**

Religiões de matrizes africanas como candomblé, umbanda, catimbó, dentre outras, são responsáveis por preservar o patrimônio étnico dos seus antepassados (Prandi, 2004; Silva, 2005), representando um movimento de resistência que envolve a busca por expressões religiosas com elementos psíquicos e fantásticos que façam frente à opressão étnica e cultural que marginaliza determinadas populações e comunidades (FERREIRA, 2018)

No cotidiano do terreiro observa-se essa relação e os cuidados que se têm desde a obtenção das folhas, a preocupação com a pessoa que cuidará delas, a forma de guardá-las entre outras. A ritualística exige um cuidado todo especial ao recolher as plantas, prefere-se buscá-las pela manhã, quando ainda estão orvalhadas, evitando as ervas que ficam próximas a estradas. Há uma expectativa na certeza dos resultados, quer seja nos tratamentos de saúde, quer seja nas festas e rituais sagrados, o início de tudo que é a manipulação das folhas tem que ser rigorosamente observado para que nada ocorra de errado. (PORTO, 2006)

Os Africanos no Brasil, que buscavam encontrar as espécies vegetais para a reconstrução da sua cosmologia e a sustentação de sua identidade, encontraram no Nordeste brasileiro especificamente na Bahia maior facilidade para assimilação das plantas, elemento fundamental para a constituição da sua religião. Apesar do clima semelhante ao continente africano e das vastas extensões de florestas nativas, a grande maioria das espécies vegetais encontradas aqui eram desconhecidas. Por isso, muitos vegetais nativos brasileiros foram incorporados em substituição aos da África. Além disso, várias espécies foram transportadas nos navios negreiros, pelos portugueses que

procuravam baratear o custo com a manutenção dos africanos escravizados através de vegetais que os mantinham alimentados por mais tempo.

No encantamento das folhas, a palavra adquire um poder de ação muito forte, porque ela está impregnada de axé, essas palavras rituais, *ofó*, mobilizam o axé quando pronunciada de acordo à dinâmica litúrgica. Por isso as palavras estão carregadas de emoção, da história pessoal e do poder daquele que a profere. A palavra é atuante e pronunciada no momento certo induz à ação. No universo religioso afro-brasileiro a fala é transmissora do saber que desperta o poder mágico da folha.

Barros (2003), identifica o *Ágbo* como a mais importante das misturas vegetais do culto aos Orixás, porque é utilizada desde a iniciação até a última das obrigações, e serve como elemento de ligação entre o mundo dos orixás e o mundo dos homens

Os *amacis* são preparados principalmente para as cerimônias da feitura do filho ou filha de santo, o banho as vezes causa um suave estado de lassidão e inconsciência, pelo qual a pessoa penetra no transe místico ou “Estado de Santo”. Além dos chás, com folhas específicas de cada divindade.

*Ossaim*, é o Orixá das folhas e da saúde, é considerado o curandeiro nessa religião, porque conhece o segredo das plantas que curam. Segundo Pierre Verger (2002), ele é originário de Irão, atualmente na Nigéria, perto da fronteira com o ex-Daomé, e também é conhecido por *Babá Ewé*, isto é, "folha". Por ele descobrir primeiro o segredo das energias das folhas das suas, e para que elas servem, ele é praticamente um rei assim como *lemanjá* é a rainha da água salgadas, *Oxum* da água doce, ele no cultivo das folhas é rei, e todo os orixás precisam das folhas. Desse modo, o Orixá *Ossaim* possui lugar privilegiado no Candomblé, como dizem os antigos, "*Cosi Ewê, Cosi Orixá*", isto e, se não há folha, não há Orixá. No Brasil, os conhecimentos sobre folhas trazidos pelos africanos da *diáspora*, enriqueceu-se ainda mais com a associação das culturas, indígena e européia. O uso dessas folhas como auxílio médico impregnou toda a sociedade brasileira, quer seja nos lugares mais recônditos, no interior ou nos grandes centros.

No Candomblé, as divindades e a natureza são indissociáveis, *Ossaim* é um dos orixás que sustenta o fundamento dessa religião, provavelmente porque ele esteja associado aos mitos de criação. Esse Orixá é cercado de mistérios e mitos, que o tornam ainda mais encantador e instigante, seus filhos são raros, e sua manifestação nos homens

e mulheres dificilmente acontece, são as folhas que o revelam para aqueles que, com o tempo e a observância da prática dos antepassados souberam aprender pacientemente a manipular corretamente as folhas.

Para a sobrevivência dos ritos feitos para *Ossaim* é fundamental a manutenção e preservação da natureza, uma vez que o Orixá se afasta quando o elemento revelador de sua força se acaba. Não existe Candomblé sem esse Orixá, porque não há Candomblé sem folha. *Ossaim* não desaparece com a destruição das matas, porque é uma divindade imaterial e imortal, mas pode se afastar da humanidade à medida que esta se afasta das plantas (BOTELHO, 2011)

As plantas rituais tornam-se sagradas quando do seu deslocamento para outro sistema, diferente do de sua origem – o do contexto vegetal propriamente dito – e da imputação, a elas, de um valor sacral, conforme se define em Camargo (1961: 94): o valor sacral é aquele que será legitimado através de ritos próprios, os quais caracterizarão seu papel dentro do novo sistema em que foi incorporado por um dado modelo de crença, filosofia ou pensamento

As plantas e a religiosidade: O contato com o sagrado diante destes dois conceitos, podemos discutir o porquê da presença das plantas nas mais diferentes situações ritualísticas dos sistemas de crença de origem e influência africana no Brasil. É nesses ambientes religiosos, que a espiritualidade e a religiosidade, somadas à crença nos poderes da mediunidade, permitem aos seres humanos a comunicação com o sobre natural. E é nessa comunicação, em contato com as entidades invocadas, que os adeptos destas religiões vão buscar as soluções para os problemas que os afligem.

Tem-se a ideia de que os rituais próprios da vida religiosa afro-brasileira sejam costumes mantidos como elo com um passado histórico mitificado, e legitimado por meio dos ritos dedicados às divindades cultuadas. São momentos em que as plantas são os determinantes, em todos os momentos ritualísticos, para que esse elo se mantenha.

Ao entrarmos no assunto propriamente dito, a que nos propusemos, é importante lembrar que as plantas, quando em rituais, adquirem o papel de auxiliares desses rituais, como sugere Albuquerque (1997: 23), configurando-se um complexo que revela aspectos botânicos, farmacológicos e sociológicos. Elas são louvadas, cantadas, empregadas com fins a estreitar os laços com as entidades invocadas para propiciar

curas, embasar conselhos. Pode-se dizer mesmo que as plantas integram representações dos adeptos como meio de compreender a natureza das coisas e poder divisar o “invisível”, como elaborado por Albuquerque e Andrade (2005: 51): dizem os autores que as plantas são mediadoras entre os dois planos de existência. Os papéis dessas plantas podem ser assim determinados: a) Primeiramente, temos o papel sacral, de valor simbólico, correspondente a cada planta, o qual está preso a um pensamento mítico, legitimado por meio de ritos próprios, que faz detonar o axé. O axé vem a representar força vital, energia que faz impregnar as plantas de poderes determinando seu papel dentro dos rituais, cujos significados só são compreendidos pelos adeptos das religiões ora submetidas a análise. b) Em segundo lugar, temos o papel funcional – aquele que cada planta desempenha dentro dos rituais, tendo em vista seu valor intrínseco, o qual se supõe poder determinar em que situação ritualística ela se enquadra. Neste caso, devemos nos lembrar que as plantas apresentam composições químicas diferenciadas, em muitas delas já caracterizadas as atividades biológicas possíveis, a partir de seus princípios ativos, cientificamente determinados. Exemplo das plantas psicoativas, capazes de proporcionar estados alterados de consciência, propiciando condições ideais, em circunstâncias várias, para o contato com o sagrado através do transe de possessão – momento em que as entidades incorporadas assumem seus papéis dentro das celebrações religiosas e dos rituais de cura. Para os adeptos das religiões afro-brasileiras, todas as plantas são sagradas, pois admitem que elas desempenham um papel sacral, de valor simbólico, independente da atividade biológica – seja ela conhecida e atribuída, ou não, ainda que, não raro, muitos sacerdotes dos candomblés tenham conhecimento botânico empírico e dominem as propriedades medicinais das plantas.

Para os adeptos das religiões afro-brasileiras, todas as plantas são sagradas, pois admitem que elas desempenham um papel sacral, de valor simbólico, independente da atividade biológica – seja ela conhecida e atribuída, ou não, ainda que, não raro, muitos sacerdotes dos candomblés tenham conhecimento botânico empírico e dominem as propriedades medicinais das plantas. Dentro dos rituais de origem africana, as plantas chegaram a ser classificadas em “excitantes”, como aquelas que “agem sobre as divindades”, ou proporcionam a possessão (ou levam a ela), por meio do transe, e, as “tranquilizantes”, que abrandam o transe, de forma que seu uso – de ambos os tipos – visaria alcançar o equilíbrio necessário para o momento da possessão (Verger 1966: 1). A psicoatividade faz desencadear os significados culturais que, ao fazer efeito, abre as

portas da visão e da comunicação. Os campos mentais podem, então, conhecer e curar, ver e dizer a verdade. Curam problemas e resolvem problemas, diz Montiel (1988: 47-53). Pode-se, então, inferir que o uso ritual das plantas em contexto religioso é *medicinal*, restando pelo menos uma afirmação a ser feita: que esse uso não deixa de ser medicinal considerando o transe e a possessão como meio de comunicação (com o divino; ou o almejado entre ele e o consulente, ou o devoto). Assim, a eficácia das terapias adotadas nas práticas médicas exercidas nos ambientes religiosos afro-brasileiros deve se sustentar em quatro pilares essenciais: a) Na convicção do curador de que as técnicas por ele adotadas, que, assentado em sua experiência pessoal, terão (ou têm) eficácia, deixa transparecer a total segurança no que faz. b) Na palavra do curador, dono de profundo conhecimento humano e da arte da perspicácia (Camargo 2005c: 49), capaz de formular perguntas de forma a corrigir a estrutura semântica das respostas, a fim de esclarecer as relações de causa e efeito pressupostos e outras distorções semânticas (França 2002: 49), a fim de conduzir o doente a crer na certeza da cura almejada. c) Na (sincera) crença do doente de que os poderes (sobrenaturais) do curador, capaz de atos mágicos, provêm de dons divinos. Segundo Mauss (1974) a magia é, por definição, objeto de crença, e quem procura o “mágico”, nele crê. d) Na eficácia, que se sustenta no consenso, ou seja, na confiança expressa por todo o grupo familiar, social e religioso, sobre os reais poderes do curador, transmitindo total confiança ao doente quanto à certeza da cura. Levi-Strauss (1975) estabelece esse consenso como sendo determinado pela correlação. (DE ARRUDA CAMARGO, 2006)

A tradição religiosa afro-brasileira agrega importantes contribuições para a sociedade brasileira, principalmente no que tange ao uso e preservação das matas, se opondo à filosofia da dominação tão disseminada pela sociedade ocidental, onde a função do homem é subjugar toda a natureza, apenas servindo-se dela. Essa cultura africana no Brasil enriqueceu o conhecimento sobre ervas na sociedade, o seu contato com outras culturas como os povos indígenas e europeus, criou um complexo e diversificado saber sobre folhas. As várias nações africanas encontraram no Nordeste brasileiro um ambiente propício para o cultivo de plantas exóticas, plantas que para as nações africanas são essenciais para a sustentabilidade da religião dos orixás. A vida das religiões afro-brasileiras é a própria vida da natureza, todos os *Orixás*, *Inquices*, *Vodúns*, *Caboclos* estão ligados a um elemento natural e se expressam através dele. Nessa mística, o ser humano é parte integrante de um todo complexo natural, assim como são as pedras, as matas, as águas e outros elementos, porque não há distinção

entre o que é humano e o que é natureza. Essas divindades são ancestrais africanos que foram divinizados, mantendo uma inseparável ligação com os seres humanos. “O Orixá é uma forma pura, axé imaterial, que se torna perceptível aos seres humanos incorporando-se a um deles”. (Verger,2002), p.19. Desse modo estiveram sempre associadas à ancestralidade das famílias, sendo cultuados pelos descendentes de um mesmo clã. Todo ritual do Candomblé começa com as folhas, após o *Padê* de *Exu* e a defumação, também feito com folhas secas, joga-se folhas em todo o chão do terreiro. Porém antes mesmo das cerimônias, o ritual começa já na obtenção das folhas e no cuidado que se tem com elas. Observa-se também a relação de respeito entre aquele que vai retirar essas folhas e a entidade presente nelas, pedir licença simboliza a constatação de que o homem não é dono da natureza e que as energias presentes nela são forças vivas e atuantes. O terreiro vivencia todas essas cosmologias através dos mitos e ritos, a presença das folhas converge para esse universo de relações. Segundo Roger Bastide (1978), as ervas são fundamentais na abertura do terreiro, que devem ter no mastro central a “água dos axés” isto é, um líquido que contém num vaso de sangue de todos os animais sacrificados e um pouco de todas as ervas que pertencem aos orixás. José Flávio Pessoa de Barros (2003), identifica o *Ágbo* ( água dos orixás) como a mais importante das misturas vegetais do culto aos orixás, porque é utilizada desde a iniciação até a última das obrigações, e serve como elemento de ligação entre o mundo dos orixás e o mundo dos homens. Há outros momentos em que as folhas estão presentes, como para servir comidas aos santos, prática geralmente feita para cumprir obrigações, também em algumas festas oferece-se comida em folhas às pessoas presentes. Para se fazer alguns *ebós* também se necessita de algumas folhas, os *ebós* são sacrifícios oferecidos às divindades. Foi no Nordeste brasileiro especificamente na Bahia que os *jêje-nagô* encontraram maior facilidade para assimilação devido ao clima semelhante ao continente africana, mas, apesar das vastas extensões de florestas nativas, a grande maioria das espécies vegetais encontradas aqui eram desconhecidas. Este foi um dos grandes desafios vividos pelos africanos, porque encontrar as espécies vegetais era primordial para a construção da sua cosmologia e a manutenção de sua identidade enquanto africano. Por isso, muitos vegetais nativos brasileiros foram incorporados em substituição aos africanos, para algumas espécies não havia similares, surgiu então a necessidade do intercâmbio entre os dois continentes. (BOTELHO, 2010)

Com isso podemos entender que os conhecimentos e as plantas usadas pelos africanos em sua terra, tiveram que se adaptar ao novo mundo em que os africanos

estavam vivendo, nesse ponto plantas que conseguiram chegar ao Brasil, tiveram seus usos e liturgias preservados, já as que não conseguiram chegar ou não se adaptaram tiveram que ser substituídas por outras da flora miscigenada, nativa e europeia encontrada. O conceito dos africanos sobre as plantas não mudou, pois nesse âmbito todas as plantas são sagradas, e o que as agrega o valor sacral dentro dos rituais são os *ofós*, as palavras imantadas por que está rezando as folhas, com isso fica claro que o *asé* dessas plantas só é liberado com os encantamentos adequados a cada planta. *Ossaim*, também conhecido como *Baba Ewe*, o “Pai das folhas” é o orixá reverenciado em todos os momentos de utilização de plantas dentro dos rituais, pois é ele quem guarda os conhecimentos e encantamentos de todas as plantas, ainda que dívida com outros orixás o poder sobre as plantas, *Ossaim* continua ainda sendo insubstituível dentro dos rituais. Levando em consideração a afirmação yoruba “Kosi ewe, kosi orisá” (Sem folhas, sem orixá) evidencia-se novamente que toda a base do culto tanto o tradicional africano, quanto do Candomblé, está condicionado o uso de plantas, sem as quais não haveria: *ebó*, *borí*, oferendas, *sassaim* e todo o ritual de iniciação e *Axexê* que depende das plantas do início ao fim.

### 3.4 Alecrim

#### CLASSIFICAÇÃO TAXONÔMICA

Reino: *Plantae*

Filo: *Magnoliophyta*

Classe: *Magnoliopsida*

Ordem: *Lamiales*

Família: *Lamiaceae*

Gênero: *Rosmarinus*

Espécie: *R. officinalis*

Nomenclatura Binominal: *Rosmarinus officinalis* L. (*Labiatae*).

Sinonímia botânica: *Rosmarinus latifolius* Mill.

Designa-se: do Romano, que em latim significa o orvalho que veio do mar.

Nomes Populares: alecrim-de-jardim; alecrim; rosmarino; labinotis; alecrinzeiro; alecrim comum; alecrim-de-cheiro; alecrim-de-horta; erva-coada; flor-do-olimpio; rosa-marinha; rosmarinho. (PENTEADO, 2005)



Figura 1: Fotografia da espécie *Rosmarinus Officinallis* L.

**Fonte:** <https://wsimag.com/pt/bem-estar/26679-alecrim>

Planta semi arbustiva, perene, lenhosa, ramificada, que cresce de 0,7 a 1,8m de altura. Folhas com aroma de incenso e cânfora, sésseis, opostas, lineares, inteiras e coriáceas. As flores são hermafroditas, pentâmeras, zigomorfas, diminutas, bilabiadas, azul-claras, rosadas ou esbranquiçadas, medindo 1,5cm de comprimento e reunidas em inflorescências axilares e terminais do tipo racemo. O fruto é do tipo aquênio, de formato ovoide. A planta pode chegar a florescer o ano todo e viver de 8 a 10 anos. O florescimento ocorre mais intensamente de agosto até dezembro e se estende pelo verão e outono. (SILVA JUNIOR e MICHALAK, 2014)

O Alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.) é uma erva perene nativa da região do Mediterrâneo, porém agora cultivada em todo o mundo como uma planta aromática. Suas folhas são comumente utilizadas como condimento na culinária, mas também tem sido amplamente utilizado para diferentes fins medicinais na medicina popular como no tratamento dores de cabeça, epilepsia e doenças da circulação. (ALMEIDA, 2017)

Seus principais produtores são a Itália, Iugoslávia, Espanha, Grécia, Turquia, França, Portugal, Egito e norte da África. Pode produzir flores azuis ou brancas e seu nome em latim significa “orvalho do mar”, referindo-se ao local de origem desta planta. Apresenta emprego culinário, medicinal, farmacêutico e cosmético. Proporciona um dos aromas mais refrescantes e menos caros, sendo uma das ervas mais importantes da atualidade O alecrim apresenta gosto agri-doce, sendo usado em pães, preparações que contenham carne e para adornar saladas.

Também é empregado em batatas fritas, caldos verdes, sobremesas, biscoitos, geléias, saladas de frutas, marmeladas e vinhos quentes. Nos estados Unidos é utilizado em carnes, aves, peixes e linguiças e no Marrocos é adicionado à manteiga e a outros alimentos para aumentar a vida-de-prateleira dos produtos. (PORTE, 2001)

Tem como características ser um subarbusto com ramificações de cor verde, possui hastes lenhosas e folhas pequenas, sendo que a composição química do seu óleo é constituído principalmente por hidrocarbonetos monoterpênicos, ésteres terpênicos, linalol, verbinol, terpineol, 3--octanona e acetato de isobornila. Os terpenóides são representados pelo carnosol, ácidos carnosílico, oleânico, ursólico, diterpenos tricíclicos (SILVA et al., 2008). As pesquisas em relação ao óleo do alecrim estão focadas principalmente em relação a sua capacidade antibacteriana, antifúngica, inseticida, anticarcinogênica e antioxidante (JÓRDAN et al., 2013). Este óleo essencial pode ser classificado de três formas em relação a sua composição química, *cineoliferum* (alto teor de 1,8--cineol, 53--67%); *camphoriferum* (cânfora >20%); e *verbenoniferum* (verbenona >15%) (NAPOLI et al., 2010). Segundo Rozman e Jersèk (2009), *R. officinalis* L., que é uma planta aromática e medicinal, possui o óleo mais utilizado em todo o mundo em função de suas propriedades biológicas. (DIEMER, 2016))

A folha contém óleo essencial rico em 1,8-cineol, cânfora, borneol, acetato de bornila,  $\alpha$ -pineno,  $\beta$ -pineno,  $\alpha$ -tuieneno, canfeno, careno, mirceno,  $\alpha$ -terpineno, limoneno, terpineno, cimeno, copaeno e linalol, além de ácidos fenólicos, flavonoides, terpernoides, fitosteróis, lactona rosmanol, ácido carnósico e carnosol. O sabor das folhas e as sumidades florais são intensamente aromáticos, canforáceos e algo picantes. As folhas, principalmente, são utilizadas como condimento em culinária. A planta é empregada como condimento, sobretudo de carne, peixes, frangos, guisados, saladas, pudins e biscoitos. A planta é melífera. O mel produzido a partir de suas flores é reputado como da mais alta qualidade alimentar e medicinal. O óleo de alecrim é utilizado em perfumaria, cosmética (sabonete, sais de banho, desodorante, loção e tônico capilar) e na fabricação de licores e vinhos. Folhas e flores de alecrim maceradas em vodca produzem um licor conhecido como Água Húngara. As folhas desidratadas e pulverizadas atuam como incenso odorizante e abascantos. A semente contém um óleo essencial utilizado na preparação de cosméticos, entre eles a água-de-colônia. A planta é utilizada no controle de baratas e mosquitos. É repelente de pragas caseiras, moscas e borboletas. O óleo de alecrim é parasiticida, repelente fragrante de traças, bactericida, fungicida e protisticida. O extrato da planta é um poderoso antioxidante devido, principalmente, a uma lactona inodora e insípida (rosmanol). O óleo é utilizado para

estabilizar gorduras e evitar oxidações, principalmente na indústria de embutidos. Ramos de alecrim são utilizados na confecção de grinaldas e coroas de flores. (SILVA JUNIOR e MICHALAK, 2014)

Também é conhecido como estimulante e um leve analgésico e costuma ser utilizado como antiespasmódico na cólica renal e na dismenorreia, no alívio das perturbações respiratórias e para estimular o crescimento dos cabelos (AL-SEREITI et al. 1999; YU et al. 2013; RAŠKOVIĆ et al., 2014). Além disso, as folhas de alecrim mostraram uma variedade de bioatividades tais como função antioxidante, antitumoral, anti-HIV e anti-inflamatório. O extrato de alecrim relaxa os músculos lisos da traquéia e do intestino e tem atividade colerética, hepatoprotetora e antitumorógena. Os principais constituintes do *Rosmarinus officinalis* são compostos polifenólicos incluindo ácido carnósico, o carnosol, o ácido rosmarínico e ácido ursólico. Seu potencial terapêutico tem sido usado no tratamento ou prevenção da asma brônquica, distúrbios espasmogênicos, úlcera péptica, doenças inflamatórias, hepatotoxicidade, aterosclerose, cardiopatia isquêmica, catarata e câncer. (AL-SEREITI et al., 1999) Recentemente, os óleos essenciais à base de plantas medicinais e seus compostos ativos têm sido de grande interesse devido aos seus efeitos. O óleo essencial de alecrim é um líquido incolor ou amarelo pálido, com odor característico da planta e devido à sua atividade antioxidante e antimicrobiana é utilizado pela indústria na preservação de alimentos, elaboração de fragrâncias e na aromaterapia (RAŠKOVIĆ et al., 2014). Na literatura, diversos estudos realizados in vivo e in vitro já demonstraram as propriedades terapêuticas do alecrim. Porém, os estudos realizados em humanos são escassos e revisões de literatura abordando esses estudos são ausentes. (ALMEIDA, 2017)

Como se trata de uma droga rica em óleos voláteis, é empregada na preparação de infusões, sob forma de preparações galênicas, ou na aromatização de formas farmacêuticas destinadas para uso oral. Muitas vezes é considerada uma planta toxica quando utilizada em doses elevadas, podendo causar aborto, sonolência, espasmos, gastroenterites, e até mesmo a morte (LORENZI; MATOS, 2006). (MARINHO FILHO, 2013)

### 3.5 Usos em rituais

Para que possamos entender o desempenho dos vegetais dentro desses ambientes religiosos, devemos nos ater àquilo que chamamos de *espiritualidade*. Confere-se a esta característica própria do ser humano um caráter de intangibilidade. Não podendo dar uma explicação concreta à espiritualidade, nem a um estado de espírito, por tratar-se de um bem imaterial, a mente humana vagueia por um universo que não existe no concreto, mas ela crê

existir, e sabemos que existe porque isso se herda culturalmente, ou do grupo familiar ou social, nele buscando os significados da vida (dando sentido a ela) (Camargo 2005b: 104). A espiritualidade, todavia, tem uma relação de parentesco com a *religiosidade*, visto que esta permite ao homem disciplinar suas ideias sobre o intangível universo de seus pensamentos, obedecendo a doutrinas e regras. E são essas doutrinas e regras que dão sustentação aos sistemas de crença que congregam adeptos para, unidos pelos mesmos anseios e princípios, desempenharem um papel social além da participação restrita, no ambiente religioso (DE ARRUDA CAMARGO, 2006)

Pluralidade de nomes científicos para um só nome ioruba: É comum que um só nome ioruba corresponda a vários nomes científicos. Aqui estão alguns exemplos: *Ahon ekun*, "língua-de-leopardo", e o nome dado a folhas cuja superfície se mostra áspera, apesar de sua forma ser diferente. De acordo com a classificação científica, elas são a *HIBISCUS SURATTENSIS*, Malvaceae; a *HIBISCUS ASPER*, Malvaceae (o canhamo-brasileiro); a *TETRACERA* sp., Dilleniaceae; e a *ACANTHUS MONTANUS*, Acanthaceae (o falso-cardo). *Amiije*, "estanca-sangue", chamada *amuje nla*, "estanca-sangue grande", no caso da *HARUNGANA MADAGASCARIENSIS*, Rhizophoraceae, e *amuje wewe*, "estanca-sangue pequena", no caso da *BYRSOCARPUS COCCINEUS* e da *CNESTIS LONGIFLORA*, ambas Connaraceae, são plantas com propriedades coagulantes.

Estimulantes e Tranquilizantes: Babalaôs e curandeiros têm receitas para estimular o corpo e a mente ou para acalmalos. Os estimulantes podem ser de diferentes tipos e graduações, que vão desde aqueles para a mente (*isoye*) a estimulantes do corpo (*marale* ou *imu ara le*), passando por estimulantes da virilidade (*aremo*). A eles correspondem como calmantes os *oogun ero*. Mas há também super-estimulantes, que são capazes de fazer as pessoas agirem como loucas (*imu ni se were*) com seus opostos de proteção (*idaabobo l'owo were*) ou remédios para curar a loucura (*oogun were*). (COSSARD, 2006)

*O Agbo*, definido por Barros(1993;87) como "água dos orisá" é a mais importante das misturas vegetais do culto aos orixás. É utilizada desde a iniciação do *Ìyàwó* até a última das obrigações, além de servir de elemento de ligação entre o *òrun* e o *àiyé* (o mundo dos orixás e o mundo dos homens); em termos práticos, proporciona o fortalecimento físico e espiritual de iniciado durante os períodos de reclusão. (PESSOA, P. 35, 2013)

*Ògun*= Remédio – O etnomusicólogo e antropólogo José Jorge de Carvalho escreve em seu livro *Cantos Sagrados do Xangô Do Recife*: “*Ewe gbogbo ni t’isegun*”, isto é, “toda folha tem poder medicinal” (Carvalho 1993, p 45). O Ritual de Cantar Folha é conhecido como *Sàsàyìn*, significando uma louvação a *Òsànyìn*, o médico que dá remédios para que a saúde melhore. O nome desse oríxa é, inclusive, assim traduzido: Ele é louvado por que faz melhor a saúde. O referido ritual é uma louvação a *Òsànyìn*, conseqüentemente às folhas. Todo conhecimento é sagrado. Tudo que nos é permitido conhecer é uma dádiva divina e como tal não pode, ou melhor, não deve ser usada aleatoriamente. (SANTOS E DOMINI, 2014)

O primeiro objetivo da feitura é permitir que o orixá retorne ao mundo humano, o que é facilitado pela iniciação, que vai condicionar a pessoa escolhida pelo orixá, para entrar em transe no momento desejado sob circunstâncias específicas e controladas. O segundo objetivo da feitura é transmitir as mensagens que os orixás destinam aos homens, à iniciada e às pessoas que estão ao seu redor. Quanto mais antiga for a iniciada, mais a personalidade de seu orixá irá se desenvolver. Ela vai continuar correspondendo ao arquétipo tradicional de cada entidade, mas adquirirá nuances variáveis de acordo com cada um. (COSSARD, 2006)

A iniciação segue um processo diferente segundo cada nação todas têm em comum a sacralização da *abiã* e o seu condicionamento, para receber o Orixá seguindo um ritual muito preciso. Todos esses procedimentos levam até o Dia do Nome, no qual o Orixá grita seu nome e, assim é oficializado na comunidade (COSSARD, 2006)

Os potes, com a comunidade em plena atividade, tudo deve estar pronto para a entrada das *yawos*. É preciso marcar cada enxoval com o nome de cada uma, também todos só assentamentos e as quartinhas; preparar para cada iniciada um pote de *abô*, feito com as folhas de Oro (comuns a todos tipos de *agbos*) e folhas escolhidas especialmente em função de cada orixá (COSSARD, 2006) O *ronkó* deve ser preparado de modo especial. Uma cama espessa de folhas é colocada sob cada uma das esteiras de taboa, que são cobertas com a esteira baiana. (COSSARD, 2006)

A Cura, existe um outro meio de se proteger contra as más influências, que é mandar “fechar o corpo”. Esse procedimento é chamado de “cura”. Ser curado significa não só ter o corpo fechado – e, portanto, protegido, mas não temer malefícios, bruxarias ou olho grande. É a *Yalorixá* quem faz a cura, numa cerimônia realizada na sexta-feira Santa ou, excepcionalmente, durante a noite de São João, no solstício de inverno.

A *Yalorixá* faz incisões com a navalha no peito, nas costas, em cada braço, nas pernas e debaixo da língua. Depois a *Yalorixá* cobre essas incisões com *efun* (pó branco à base de argila), *wáji* (pó azul à base de uma tintura extraída da folha *elu – indigofera sp., Leguminosae*), *Ossun* (pó vermelho feito da casca de *pterocarpus ossun, Leguminosae*) e com um pó especialmente preparado. (COSSARD, 2006)

Sentada em um *aperê* (banquinho de madeira) começou a raspagem, senti meus cabelos sendo cortados e a lâmina deslizando sob a minha cabeça. Terminada a raspagem vieram as curas (cortes), a primeira foi na cabeça, senti a lâmina, mas nenhuma dor, então foi colocado o *adoxo* (massa a base de sabão de coco, banha de *ori* e favas) na cura. Outras curas foram feitas nos braços, costas, pés, mãos, costeletas, entre as sobrancelhas, em seguida foi passado *oagi* (pó azul extraído de uma semente e usado em vários rituais no candomblé). (MOTA, 2011)

O objetivo na minha escolha pelo ritual de iniciação foi alcançado. Hoje, passados três anos dos ritos, a minha saúde permanece estável não apresentando o quadro inicial que motivou a minha entrada na vida religiosa. Segundo Rabelo “a cura consistiria, assim, não no retorno ao estado inicial, anterior à doença, mas na inserção do doente em um novo contexto de experiência”. (MOTA, 2011)

E também difícil traçar uma linha de demarcação entre os assim chamados conhecimento científico e prática "mágica". Isso ocorre devido a importância dada, em uma cultura tradicionalmente oral como a ioruba, a encantação, *ofó*, pronunciada no momento de preparação ou aplicação das diversas receitas medicinais, *oogun*.

Se para a medicina ocidental o conhecimento do nome científico das plantas usadas e suas características farmacológicas e o principal, em sociedades tradicionais o conhecimento dos *ofó*, encantações transmitidas oralmente, e o que é essencial. Neles encontramos a definição da ação esperada de cada uma das plantas que entram na receita.

Existem várias plantas cuja presença, à primeira vista, parece ter somente um caráter simbólico, mas que, na realidade, tem valor terapêutico.

Este e o caso de duas plantas aquáticas, *oju oro* (PISTIA STRATIOTES, Araceae, a alface d'água) e *osibata* (NYMPHEA LOTUS, Nymphaeaceae, o lotus), que em seus *ofós* evocam a ideia de superioridade e dominação nas frases que seguem:

*Oju oro ni i leke omi. Oju*

*oro* está sobre a água.

*Osibata ni i leke odo.*

*Osibata* está sobre o rio.

Seguidas da prazerosa menção:

*Fila ni i leke ori.*

O bone está sobre a cabeça.

E uma ainda mais lisonjeira:

*Ti Oba ni i leke ori.*

O rei está acima de todos.

Durante muito tempo acreditamos que essas duas plantas fossem usadas apenas por razões simbólicas, mas recentemente lemos em um artigo escrito pelo professor Jean Marie Peite8 que no *osibata* encontram-se elementos sedativos. (PESSOA, 2013)

Como já foi visto anteriormente, as plantas são usadas em todo processo de ritual dentro do candomblé, podendo ser antes, durante ou depois. O ritual de *Sassaim* é o principal rito de utilização das folhas, pois é nele que sacraliza as plantas invocando o seu *asé*, para que esta seja em parte ou em totalidade elemento de passagem de um estado espiritual ou material para outro. O *Agbo* também chamado de *Omi Ero* em algumas casas, trata-se do extrato aquoso de das folhas que foram trituradas, amassadas e maceradas em água, durante o ritual de *Sassain*, acondicionada em postes de barro e ficando assim já pronto para os demais rituais que necessitarem. Ainda sobre o *Agbo* é importante salientar que em determinados rituais pode ser ingerido pelo *Yawo*, chamando-nos a atenção para os riscos de toxicidade que um extrato de várias plantas juntas pode promover no corpo humano. Nesse ponto a literatura científica é carente de estudos, inclusive na avaliação dos *ooguns*, que tem o papel ritualístico e ao mesmo tempo biológico pois são medicinas africanas que são ingeridas pelos adeptos, sendo estudadas na literatura consultada apenas de forma etnobotânica e religiosa e muito vagamente em suas propriedades terapêuticas.

Um outro ponto, e que se torna o centro deste trabalho como veremos mais adiante é o ritual de cura, onde é de extrema importância que os dirigentes dos rituais tenham conhecimento sobre as plantas utilizadas não só em seu aspecto religioso, mas também em suas propriedades biológicas que terão contato com os cortes.

### **3.6 Atividade Biológica do Alecrim**

Na constituição fitoquímica de suas folhas e flores tem a presença do ácido carnósico (presente de forma majoritária). Tem uso tradicional com base nas suas atividades

antibacterianas, carminativas, analgésico em dores musculares e articulações. Na medicina tradicional é também utilizado para tratar pequenas feridas, eczemas, dor de cabeça, dispepsia, problemas de circulação, mas também como expectorante, diurético e antiespasmódico nas cólicas renais (LADEIRAS, 2014; BEGUM et al., 2013). O uso difundido de plantas medicinais em todas as regiões do Brasil é evidente, entretanto a população se mostra resistente em acreditar que até mesmo tais vegetais podem proporcionar perigo potencial de reações adversas e efeitos tóxicos ao organismo. Devido a este pensamento, muitos indivíduos acabam recebendo atendimento médico decorrente do uso abusivo de chás ou de misturas contendo variadas espécies de plantas (MENDIETA et al., 2014). Muitas espécies com uso medicinal tradicional ainda continuam sem comprovação da eficácia e da segurança de seu uso. (DA SILVA, 2019)

O uso de especiarias como o alecrim (*Rosmarinus officinalis* L) visa à ação como antioxidante natural, por conta de as suas propriedades aromáticas, fenóis antioxidantes, antimicrobiana e antitumoral. (DIAS, 2018)

Este óleo essencial pode ser classificado de três formas em relação a sua composição química, *cinoliferum* (alto teor de 1,8-- cineol, 53--67%); *camphoriferum* (cânfora >20%); e *verbenoniferum* (verbenona >15%) (NAPOLI et al., 2010). Segundo Rozman e Jersèk (2009), *R. officinalis* L., que é uma planta aromática e medicinal, possui o óleo mais utilizado em todo o mundo em função de suas propriedades biológicas. (DIEMER, 2016)

Alguns estudos *in vitro* mostram que o extrato aquoso de Alecrim também possui uma ação anti-inflamatória. Sendo que na concentração de 50mg/Kg, diminuiu o percentual de hemoglobina glicada e aumentou a atividade das enzimas catalase e glutathione peroxidase no fígado, e da superóxido dismutase no cérebro de ratos diabéticos. O que demonstra ser eficiente na atenuação do estresse oxidativo presente no diabetes experimental. Sua ação antioxidante pode estar relacionada a seus compostos isoprenoides quinonas, diterpenos fenólicos como ácido carnósico e carnosol, ácido rosmarínico, além de antioxidantes adicionais incluindo ácidos fenólicos e os flavonóides, que são capazes de capturar espécies reativas de oxigênio, prevenindo, assim, a oxidação lipídica. Além disso, seus compostos bioativos possuem atividades antimicrobianas, antitumorais e quimio-preventivas, por regular a atividade e/ou expressão de certos sistemas enzimáticos relacionados a processos apoptóticos, de promoção tumoral, e tradução de sinais intracelulares. ( NAOMI, 2016)

No estudo antibacteriano de *R. officinalis*, o composto isolado ácido ursólico exibiu ótima atividade antibacteriana frente ao *Streptococcus pyogenes* e boa atividade contra *Staphylococcus aureus* Resistente a Meticilina (MRSA). Já o ácido 8 betulínico foi considerado inativo contra as bactérias testadas. O carnosol demonstrou bom efeito antibacteriano contra *Streptococcus faecalis*, *Shigella flexinerii*, *Salmonella typhi* e *Staphylococcus aureus* Resistente a Meticilina (MRSA). O estudo antidepressivo do extrato bruto, compostos isolados e óleo essencial da *Rosmarinus officinalis*, demonstrou resultados importantes. Muitos deles comparados aos resultados apresentados pela fluoxetina, com destaque para o extrato bruto, ácido ursólico e óleo essencial, o que sugere a possibilidade de utilização da planta no tratamento da depressão. O Alecrim também mostra efeito sinérgico com o ácido cítrico e com o antioxidante BHA (JUSTO et al., 2008). Este apresenta importante ação antioxidante e reduz a peroxidação lipídica, além de inibir a produção de espécies reativas de oxigênio, reduzindo a inflamação. O ácido carnósico e seus derivados possuem características estruturais únicas contendo um grupo catecol e duas regiões hidrofóbicas constituídas pelo grupo isopropil e pelo anel —Al com o grupo dimetil. O grupo catecol é reconhecido a unidade estrutural responsável pela captura de radicais livres de espécies reativas de oxigênio. Por outro lado, o anel e o grupo isopropil conferem a estas moléculas a capacidade de fazer interações hidrofóbicas com as membranas e outros alvos biológicos, permitindo uma maior biodisponibilidade de seu potencial antioxidante (DALMARCO, 2016)

Os efeitos antioxidativos de rosmaridifenol e rosmariquinona em banha foram superiores ao hidroxianisol butilado (BHA) e semelhante ao hidroxitolueno butilado (BHT). O BHA e o BHT são poderosos antioxidantes sintéticos empregados na indústria de alimentos, mas acredita-se que apresentem atividade carcinogênica. Por isso, sua substituição por antioxidantes contidos em condimentos é de grande interesse. Infelizmente, várias substâncias com propriedades antioxidativas como o timol (do tomilho), a tujona (da sálvia) e o eugenol (do cravo) também apresentam forte caráter aromático, limitando seus usos em alimentos.

O óleo essencial do alecrim é incorporado em unguentos para reumatismo, eczema, úlcera e feridas. Também é usado como rubefaciente, estimulante, inseticida e desodorante bucal. As folhas são empregadas em chás de ervas com ação carminativa, gástrica, abortiva e antiespasmódica. São misturadas com outras drogas para a prevenção de alopecia,

estimulação do crescimento capilar e prevenção de caspa e oleosidade. A inalação ou ingestão do óleo estimula o Sistema Nervoso Central. Também foi atribuída atividade anticonvulsiva e hepatoprotetora ao vegetal. Em óleos essenciais de alecrim, de diferentes partes do Egito, foi encontrada adequada atividade inibitória contra *Candida albicans*, *Cryptococcus neoformans*, *Mycobacterium intracellulare*.

A atividade relativamente alta contra fungos sugere uso potencial em tratamentos de meningite e em pneumonia causadas por *C. neoformans*, bem como para o tratamento de infecções cutâneas e diarreia provocadas por *Candida albicans* e para o tratamento de infecções sistêmicas causadas por *Mycobacterium intracellulare* em pacientes com AIDS. Os principais componentes que o óleo de alecrim egípcio apresentou foram: cânfora (14,9%),  $\alpha$ -pineno (9,3%) e 1,8-cineol (9,0%) .

Foi observada alta sensibilidade de bactérias Gram positivas aos óleos essenciais de alecrim (borneol 26,5%,  $\alpha$ -terpineno 15,6%,  $\alpha$ -pineno 12,7%) e sálvia (tujona 41,5%, limoneno 14,7%), provenientes do Egito, incluindo *Staphylococcus aureus*, *Micrococcus sp.* e *Sarcina sp.*, bem como a levedura *Saccharomyces cerevisiae*. Entretanto, nenhum ou muito pouco efeito foi verificado contra as bactérias Gram negativas *Pseudomonas fluorescens*, *Escherichia coli* e *Serratia marcescens*. Estudos prévios do óleo essencial de *Rosmarinus officinalis L.* apresentaram como seus principais constituintes: 1,8-cineol, cânfora, borneol, acetato de bornila, canfeno,  $\alpha$ -pineno, p-cimeno, mirceno, sabineno,  $\beta$ -felandreno,  $\beta$ -pineno, dipenteno e  $\beta$ -cariofilen. Alguns componentes emprestam certas características específicas ao óleo essencial de alecrim, ou seja, 1,8-cineol – aroma refrescante;  $\alpha$ -pineno – aroma de pinho; cânfora – aroma de menta; borneol – gosto acre.(PORTE, 2001)

Estimulante digestivo, para a falta de apetite (inapetência); contra azia; em problemas respiratórios e debilidade cardíaca (cardiotônico). Por suas virtudes tônicas e estimulantes, atua sobre o sistema nervoso (cansaço mental) e cansaço físico. É anti-séptico, colagogo\*, diurético\*, anti-espasmódico (uso interno: vesícula e duodeno), cicatrizante (uso externo), colerético\*, protetor hepático, anti-tumoral, anti-depressivo natural, carminativo\* e vasodilatador.(PENTEADO, 2005) ....

Composição Química : A droga extraída de unidades floridas e dessecadas contém entre 10 e 25 ml/kg de um óleo essencial, cujos constituintes principais são o alcanfor, 1-8 cineol, alfa- pineno, borneol e canfeno em proporções variáveis dependendo da origem e do estado vegetativo. Os compostos fenólicos se encontram representados por flavonóides (esteróides do luteol,diosmetol) e flavonas metoxiladas em C-6 e/ou C-7 e por ácidos

fenólicos, sobretudo derivados cafeicos: ácido cafeico, ácido clorogênico e rosmarínico. O alecrim caracteriza-se, também, pela presença de diterpenos tricíclicos: ácido carnosólico; carnosol (majoritários); rosmanol; epirosmanol; isorosmanol; rosmarinidifenol; rosmariniquinona; rosmadiol; etc.; assim como pelos triterpenos (ácido ursólico e oleanólico) e amirinas. (BRUNETON, J. 2001).

Além das substâncias citadas acima, foram encontradas outras as quais se apresentam em quantidades relativamente menores, mas não menos importantes que são: -Taninos: podem desintoxicar substâncias carcinogênicas e eliminar radicais livres. (BRUNETON, J. 2001). -Saponinas: são fitoquímicos que se ligam ao colesterol e as toxinas do trato digestivo. Elas também podem inibir a produção de células cancerígenas e aumentar o nível imunológico destas. (BRUNETON, J. 2001). -Álcool Perfílico: composto fitoquímico que desencadeia a morte das células tumorais sem danificar as células saudáveis. (BRUNETON, J. 2001). -Alcalóides: relaxantes musculares direcionados especialmente aos músculos da pelve e abdome. (RIDER'S DIGEST, 2005). -Flavonóides: compostos do tipo Ar-C3 por condensações sucessivas de unidades dicarbonadas, processo frequente nos vegetais. O potencial anti-infeccioso dos flavonoides provém de sua capacidade de reduzir os processos inflamatórios, evitar a liberação de histamina (provoca sintomas alérgicos), combater radicais livres, reforçar a imunidade, fortalecer vasos aumentando o fluxo sanguíneo, reduzir a artrite reumatoide e a perda progressiva da memória relacionada à idade. (BRUNETON, J. 2001). Óleo essencial: óleo volátil, concentrado, extraído de plantas medicinais aromáticas. Os óleos essenciais também são chamados de essências e relacionam-se com um grande número de funções orgânicas, sendo constituídos de misturas complexas de substâncias. Os óleos essenciais podem ocorrer tanto no interior de células quanto no interior de estruturas especializadas como as glândulas e aos canais secretores. Descrição dos Compostos Químicos: -Terpenos: formados por carbono e hidrogênio. -Diterpenos: unidades que possuem 4 unidades de 5 carbonos. -Triterpenos: substância com 06 unidades de 5 carbonos geralmente associados às gorduras existentes nos tecidos vegetais. -Flavonóides; -Luteolol; -Diosmetol; -Ácido cafeico: composto fenólico que pode agir como anti-oxidante e bloquear substâncias carcinogênicas. -Ácido rosmarínico; -1-8 Cineol ou óxido terpênico: substância em maior quantidade no alecrim. 5 -Borneol; -Canfeno; -Geraniol; -Rosmanol; - Pineno; Todos os compostos acima foram identificados em: ARUOMA *et al.* 1996; BRUNETON, 2001; RIDER'S DIGEST, 2005; HOPIA, 1996; HARAGUCHI, 1995.

O cultivo pode ser feito por meio de mudas preparadas por estaquia ou mergulhia, crescendo bem em solo rico em calcário e em ambientes úmidos de clima ameno. Existem

mais de 10 variedades em cultivo no Brasil, todas com o mesmo uso, porém aromas e características sutis diferentes. (PENTEADO, 2005)

Ações comprovadas cientificamente: Vasoprotetora, diurética, anti-inflamatória, antiespasmódica, estimulante circulatória e capilar, hepatoprotetora, antitumorogênica, antioxidante, antiulcerogênica, colerética, colagoga, antibacteriana (*Staphylococcus aureus*, *Staphylococcus albus*, *Vibrio cholerae*, *Escherichia coli*, *Salmonella* sp., *Pseudomonas fluorescens* e *Listeria monocytogenes*), antifúngica (*Alternaria carthami*, *Sclerotium rolfsii*, *Kluyveromyces bulgaricus*, *Corynebacterium* sp., *Penicillium digitatum*, *Saccharomyces cerevisiae*, *Candida albicans*) e amebicida (*Entamoeba histolytica*). O óleo inibe o crescimento de *Aspergillus niger* e *Aspergillus flavus*, fungos que infectam alimentos e cosméticos.

Toxicologia: O óleo e alguns cosméticos à base desse óleo podem causar dermatite em pessoas com hipersensibilidade. Em altas doses é tóxico, disentérico e pode causar gastroenterite e nefrite. Pessoa portadoras de afecções na próstata devem evitar o alecrim. Pessoas diabéticas, epiléticas, gestantes e lactantes devem abster-se da ingestão de produtos do alecrim. (SILVA JUNIOR e MICHALAK, 2014)

#### 4. METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de uma revisão da literatura acerca de discussões, experiências e do percurso da viagem dos saberes da África até o Brasil sobre o uso do *Rosmarinus Officinalis* L., sua etnobotânica e a sua liturgia.

A revisão sistemática pode ajudar o pesquisador a entender melhor o assunto e assim levar essas informações para a prática cotidiana, melhorando, deste modo, a qualidade dos cuidados ao paciente (SAMPAIO E MANCINI, 2009).

Foram excluídas do estudo as produções que não englobavam a temática e que não focavam no uso litúrgico dentro do Candomblé de Ketu e das propriedades biológicas e físico-químicas do *Rosmarinus Officinalis* L.

Realizou-se uma leitura inicial com base no título, no resumo, nos resultados e nas conclusões, para avaliar se o artigo consultado interessava a pesquisa de acordo com as temáticas propostas. Foi feita uma leitura com a intenção de alinhar e separar os artigos que tratavam da temática biológica dos que tratavam da temática etnobotânica e historiográfica

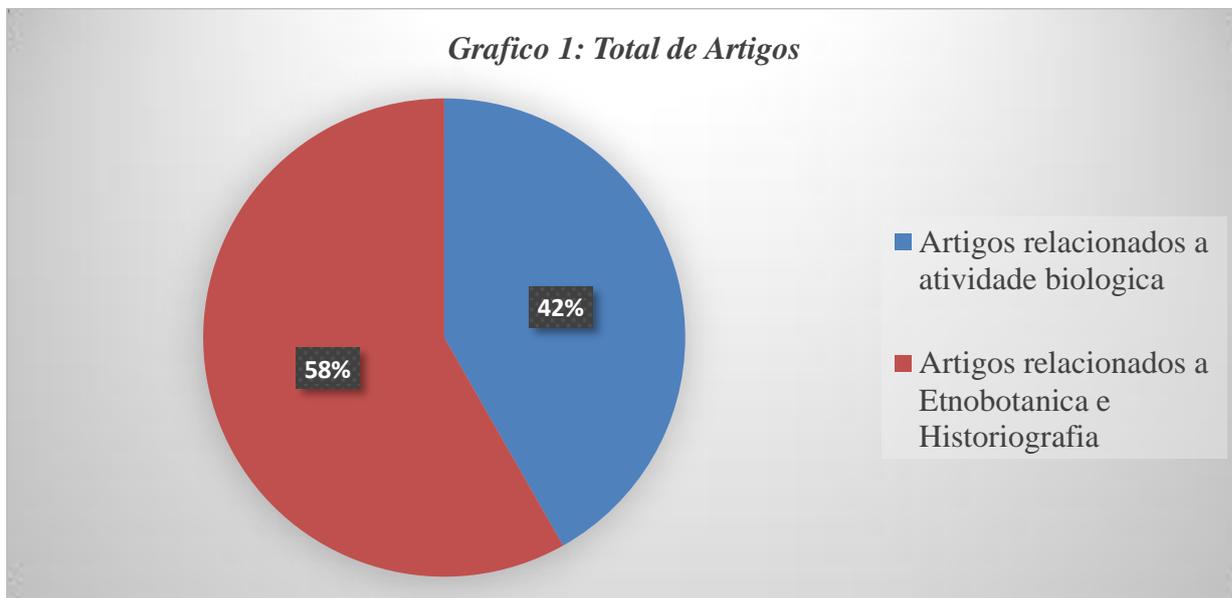
assim organizando as informações para que fosse possível uma linha de raciocínio lógica, clara e de fácil entendimento.

Os dados obtidos foram analisados e demonstrados em gráficos através do programa de computação Word® 2016. Em seguida discutidos e confrontados com a literatura pertinente a temática.

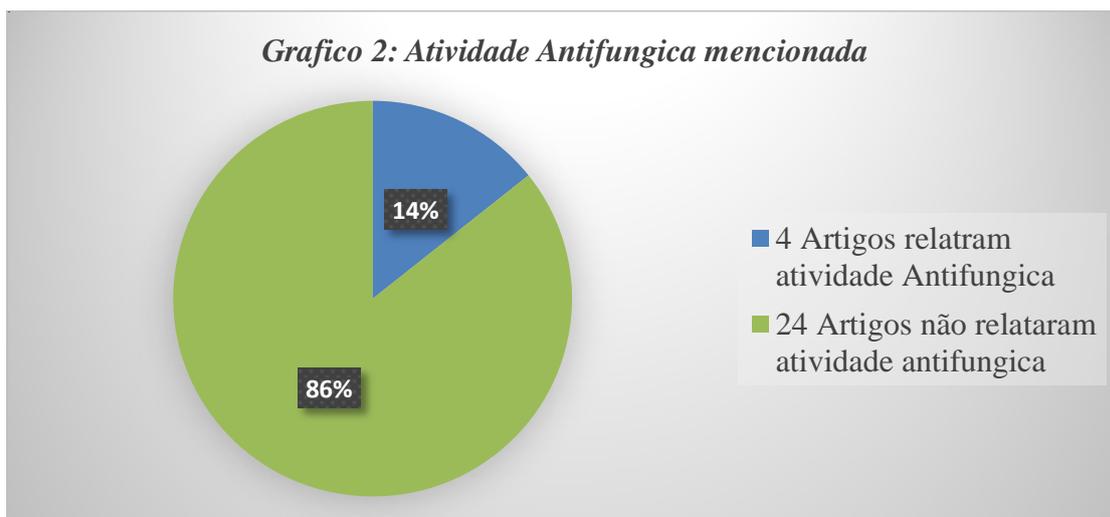
## **5. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Como demonstrado no gráfico 1, após selecionados utilizando os critérios de inclusão em pelo menos uma das áreas tema deste trabalho, foram analisados 67 artigos científicos ,

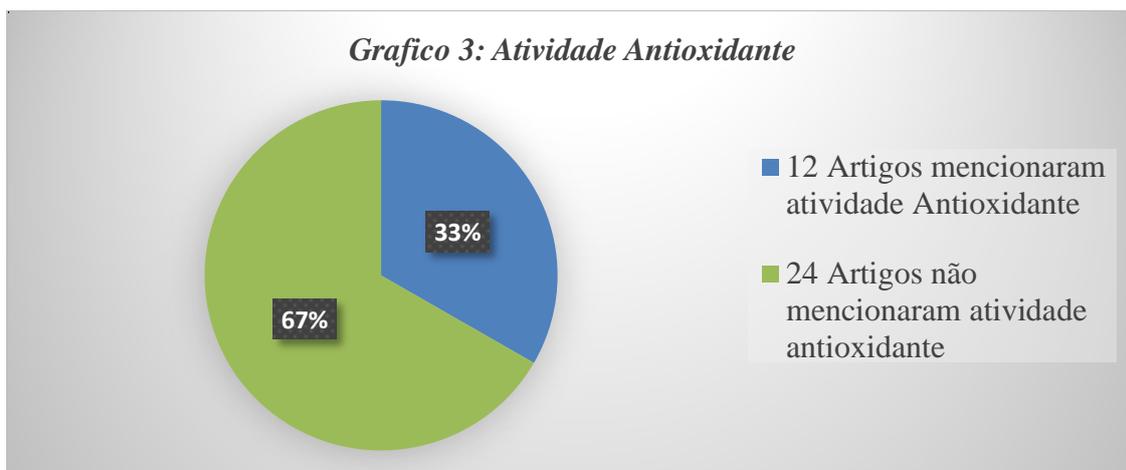
sendo que 39 foram selecionados sob a interesse etnobotânico e religioso, e 28 foram selecionados pelo estudo das atividades biológicas do *Rosmarinus Officinalis* L. em artigos publicados nos últimos 10 anos.



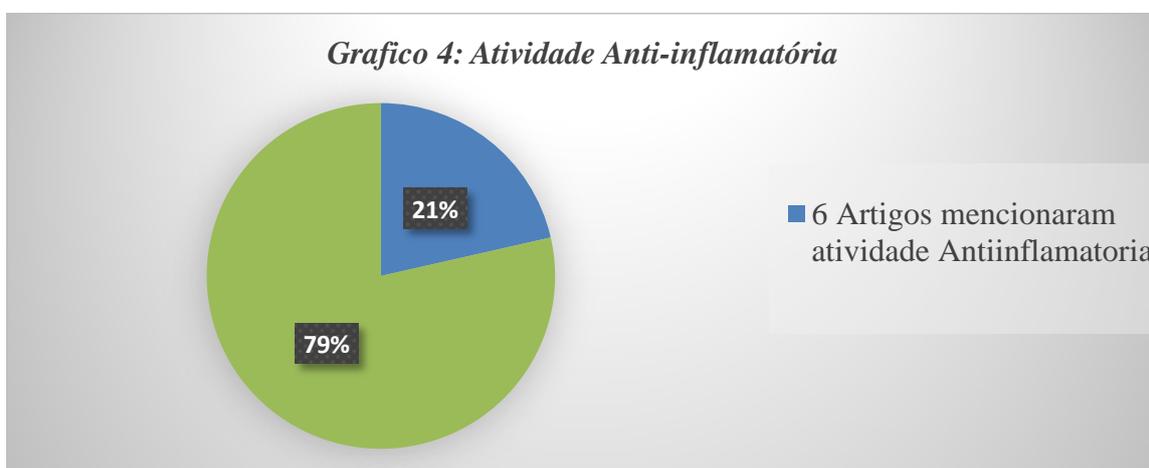
No gráfico 2, temos que dos 28 artigos selecionados sob a visão biológica do *Rosmarinus Officinalis* 4 artigos representando 14% dos artigos nessa área do estudo apontavam atividade sobre fungos. É importante mencionar que esses artigos se dirigiam ao estudo direto da atividade antifúngica do Alecrim e em 100% deles a atividade foi positiva.



Como demonstrada no gráfico 3, a atividade Antioxidante foi seguramente confirmada em 12 artigos (33%) dos 28 analisados, tanto em estudos diretos da atividade antioxidante quanto em citações de outros artigos de estudo direto.

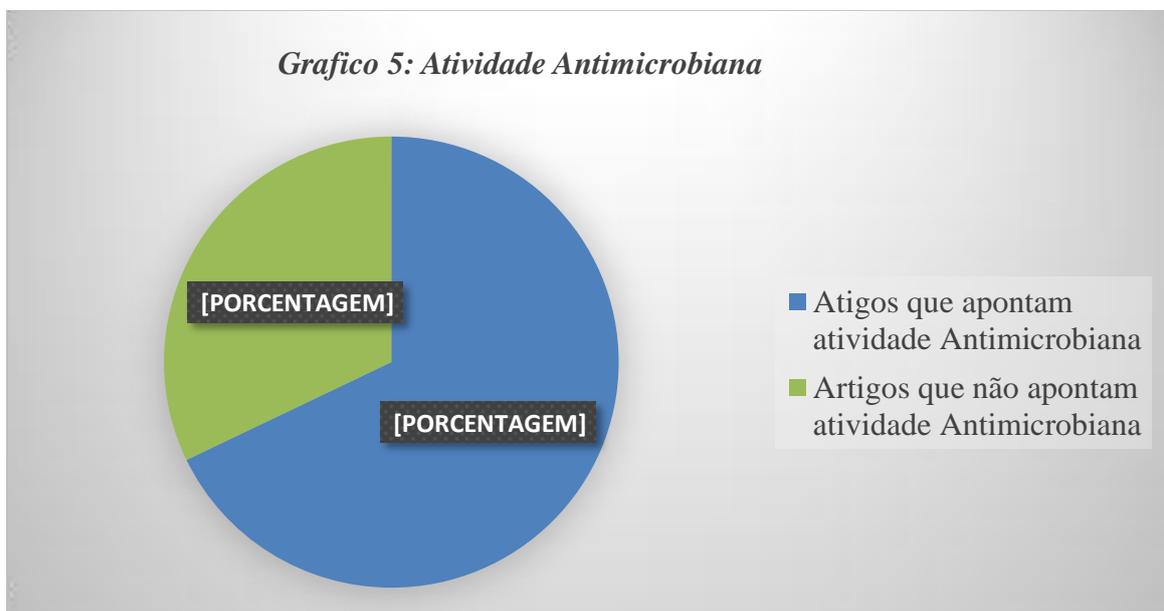


No gráfico 4 temos que 6 artigos dos 28 artigos, indicavam atividade Anti-inflamatória, é importante se ater que essa atividade não foi estudada diretamente nos artigos, sendo citada e referenciadas através de estudos de outros autores, corroborando por tanto na afirmação de uma boa atividade anti-inflamatória.



No gráfico 5, analisamos a atividade Antimicrobiana citada nos artigos, vemos que 68% dos artigos estudados a atividade antimicrobiana é constatada de forma referenciada ou estudo direto, nos quais as cepas testadas foram sensíveis aos compostos presentes nos extratos testados de *Rosmarinus officinalis* L. Essa é atividade mais importante desse estudo, pois é a principal ligação com os rituais afro-brasileiros. Como já vimos no Candomblé são

preparados extratos aquosos de diversas plantas, misturadas no ritual de *Sassaiyn*, inclusive com a presença do *Rosmarinus officinalis* L., conhecido como *Ewe Sawée*, o *Agbo* utilizado nos banhos dentro dos rituais iniciação, confere proteção aos cortes na pele efetuados nos rituais de *cura*. A atividade antimicrobiana do alecrim podendo também atuar em sinergia com outras plantas, garante que os cortes não infeccionem e cicatrizem rapidamente pelo contato direto com a pele lesionada com o *Agbo* no banho e também pela ingestão do mesmo em outros rituais.



## 6.

## 7. CONCLUSÃO

Os saberes da farmacopeia tradicional africana chegaram ao Brasil e estabeleceu-se como marca cultural e medicinal dentro do cotidiano brasileiro. O Candomblé é hoje o maior responsável por perpetuar ao passar dos anos esses conhecimentos dentro da sociedade

brasileira. Nesse trabalho foi demonstrado a importância da utilização religiosa do *Rosmarinus officinalis* L. dentro os rituais, corroborando com a literatura científica e apontando seguramente a capacidade antimicrobiana do Alecrim. Essa ligação entre o uso etnobotânico e a literatura científica demonstra a importância de se estudar as atividades de plantas utilizadas dentro de rituais ou nos *Oogun*, na esperança das descobertas científicas afim de estabelecer a saúde humana. Esse trabalho além de levantar a importância do estudo da etnobotânica africana para a comunidade acadêmica, demonstra também a importância das atividades biológicas comprovadas para a comunidade religiosa, e assim havendo o uso adequado, seguro e racional de plantas medicinais e religiosas.

## **8. REFERÊNCIAS**

AGENCIA NACIONAL DE VIGILANCIA SANITÁRIA. **Medicamentos fitoterápicos e plantas medicinais**. Disponível em : <http://portal.anvisa.gov.br/fitoterapicos> . Acesso em: 20 de maio de 2019.

ALMEIDA, Leonardo Bezerra Custódio. EFEITOS DO ALECRIM (ROSMARINUS OFFICINALIS) NA SAÚDE HUMANA: UMA REVISÃO DE LITERATURA.

BOTELHO, Pedro Freire. O segredo das folhas e os rituais de cura na tradição afrobrasileira. **IV ENECULT encontro de estudos multidisciplinares em cultura**, p. 1-12, 2010.

BOTELHO, Pedro Freire. Ewé Awo: O Segredo das Folhas no Candomblé da Bahia. **Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queiros, ISNN**, p.2179-9636.

CAVALLAZZI, Mariângela Lunardelli et al. Plantas medicinais na atenção primária à saúde. 2006.

COSSARD, Gisele Omindarewá; AWÓ, O. Mistério dos Orixás. **Rio de Janeiro: Pallas**, p. 12, 2006.

DALMARCO, Juliana Bastos et al. Estudo das propriedades químicas e biológicas de *Rosmarinus officinalis* L. 2012.

DA SILVA GOMES, Ângela Maria. Rotas e diálogos de saberes da etnobotânica transatlântica negro-africana: TERREIROS, QUILOMBOS, QUINTAIS da Grande BH. 2009.

DA SILVA, Andrea Catarina Menezes. O uso de três plantas medicinais populares no Brasil: **Uma revisão da literatura. Revista Saúde em Foco**, v. 18, n. 11, p. 435-444, 2019.

DE ARRUDA CAMARGO, María Thereza Lemos. Plantas rituais de religiões de influência africana no Brasil e sua ação farmacológica. **Dominguezia**, v. 15, n. 1, p. 21-26, 1999.

DE ARRUDA CAMARGO, Maria Thereza Lemos. Os poderes das plantas sagradas numa abordagem etnofarmacobotânica. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 15-16, p. 395-410, 2006.

DEVIENNE, K. F.; RADDI, G.; POZETTI, G. L. Das plantas medicinais aos fitofármacos. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, p. 11-14, 2004.

DIEMER, Andréa Wolf. **Ação antimicrobiana de Rosmarinus officinalis e Zingiber officinale frente a Escherichia coli e Staphylococcus aureus em carne mecanicamente separada de frango**. 2016. Dissertação de Mestrado.

DIAS, Joel Artur Rodrigues et al. USO DE ALECRIM (*Rosmarinus officinalis* L.) NO PROCESSO DE DEFUMAÇÃO DE PEIXES CONTINENTAIS. **Revista Brasileira de Engenharia de Pesca**, v. 11, n. 1, p. 55-68, 2018.

EDITORA, I. F. B. Das Plantas Mediciniais à Fitoterapia: uma ciência em expansão. **EDITORA IFB**, 2016.

FERREIRA, Maria Eduarda Alves. Plantas medicinais utilizadas em rituais de religiões de matriz afro-brasileira: estudo de caso umbanda. 2018.

GORSKI, Caroline. Ritual de iniciação no candomblé de ketú: uma experiência antropológica. **Revista Todavia**, v. 3, n. 4, p. 52-64, 2012.

MARINHO FILHO, José Haílo. *Rosmarinus officinalis* L: Uma revisão sobre suas possíveis ações analgésicas e antiinflamatórias. 2013.

MOTA, Clarice Santos; TRAD, Leny Alves Bomfim. A gente vive pra cuidar da população: estratégias de cuidado e sentidos para a saúde, doença e cura em terreiros de candomblé. **Saúde e Sociedade**, v. 20, p. 325-337, 2011.

NAOMI SAKURAI, Fernanda et al. Caracterização das propriedades funcionais das ervas aromáticas utilizadas em um hospital especializado em cardiopneumologia. **Demetra: Food, Nutrition & Health/Alimentação, Nutrição & Saúde**, v. 11, n. 4, 2016.

PAZ, Camila Esmeraldo et al. Plantas medicinais no candomblé como elemento de resistência cultural e cuidado à saúde. **Revista Cubana de Plantas Medicinales**, v. 20, n. 1, 2015.

PAGNOCCA, Tiago Santos et al. Uso de plantas terapêuticas em religiões afro-brasileiras na ilha de Santa Catarina. 2017.

PENTEADO<sup>1</sup>, Janaina Gomes; CECY, Adriana Trippia. ALECRIM *Rosmarinus officinalis* L. Labiatae (Lamiaceae): UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA. 2005.

PESSOA, DE BARROS; ÒRÌSÀ, JF Ewé. uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de candomblé jêje-nagô. **Rio de Janeiro: Bertrand Brasil**, 2013.

PORTE, Alexandre; GODOY, Ronoel Luiz de Oliveira. Alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.): propriedades antimicrobiana e química do óleo essencial. **Boletim do Centro de Pesquisa de Processamento de Alimentos**, v. 19, n. 2, 2001.

PORTO, Angela. O sistema de saúde do escravo no Brasil do século XIX: doenças, instituições e práticas terapêuticas. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, v. 13, n. 4, 2006.

RF, Sampaio; MANCINI, M. C.; PRIMO, Lane. Estudos de Revisão Sistemática: Um guia para síntese criteriosa da evidência científica.

SANSI, Roger. " Fazer o santo": dom, iniciação e historicidade nas religiões afro-brasileiras. **Análise Social**, n. 190, p. 139-160, 2009.

SANSONE, Livio. Da África ao afro: uso e abuso da África entre os intelectuais e na cultura popular brasileira durante o século XX. **Afro-Ásia**, n. 27, 2017.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo; DOMINI, Graziela Peixoto. O que as folhas cantam (para quem canta folha). **Maria Stella de Azevedo e Graziela Domini Peixoto. Brasília: Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa (INCTI)**, 2014.

SILVA, Ana Mara de Oliveira. **Efeito dos compostos fenólicos do alecrim (*Rosmarinus officinalis* L.) na inflamação aguda e sobre os marcadores de estresse oxidativo de ratos diabéticos**. 2012. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SILVA JUNIOR, A.A.; MICHALAK, E. O Éden de Eva. Florianópolis: Epagri, 2014.

## 9. GLOSSÁRIO

**Abá baxé**

Primeira comunicação do yawo com orixá

**Abiã**

Pessoa que não passou pelo ritual de iniciação

**Amaci**

Extrato aquoso de várias plantas dentro dos rituais de Umbanda

**Ágbo**

Extrato aquoso de várias plantas preparado no ritual de Sassaim no Candomblé

**Aperê**

Banquinho de madeira

**Axé**

O mesmo que Asé, força espiritual invisível

**Axexê**

Ritual funebre

**Babá Ewé**

O mesmo que Babalossain, é um cargo auxiliar que cuida dos rituais com plantas

**Baba mi**

Meu pai

**Batuquejê**

Toque ritmado do som dos atabaques

**Borí**

Ritual de louvação a cabeça e a individualidade humana

**Calundu**

Nome dado inicialmente ao candomblé

**Caboclo**

Espirito de índio desencarnado

**Cabula**

Nome dado inicialmente ao candomblé pelos africanos da nação Angola

**Cambones**

Pessoa que assessora as entidades quando incorporadas na Umbanda

**Cura**

Corte realizado no ritual de catulação no candomblé

**Diáspora**

Dispersão de povos por motivos políticos ou religiosos

**Ebós**

Trabalho de limpeza espiritual

**Eledá**

Orixá principal de uma pessoa

**Egun**

Espirito de uma pessoa morta

**Efun**

Pó Branco

**Esú**

Orixá, divindade das estradas, encruzilhadas e comunicação

**Ewe Sawéé**

Alecrim

**fluxes et refluxes**

Movimentos de transporte de africanos para o Brasil

**Fon**

Povo originário da região de Efon na África

**Inquice**

Divindade cultuada pelo povo de Angola na África, o mesmo que orixá para o povo Ketu

**Iansã**

Orixá feminino dos raios e tempestades

**Iyá mi**

Minha mãe

**Iyemonjá**

Orixá feminino rainha das águas doces e salgadas

**Ketu**

Povo originário da região de Ketu na África

**Oagi**

Pó azul, o mesmo que wagi

**Ofó**

Palavras de encantamento

**Ogun**

Orixá masculino da guerra

**Omi Erô**

Extrato aquoso de várias plantas podendo ser considerado o mesmo que Agbo

**Orí**

Porção divina e espiritual da cabeça humana

**Òriṣà**

O mesmo que o orixá, divindade originada de culto africano

**Osalufan**

Orixá masculino da paz e serenidade

**Òsànyìn**

Orixá masculino das plantas, folhas e da floresta

**Ossun**

Pó vermelho

**Osun**

Orixá feminino das águas doces

**Oogun**

Remédio preparado a base de plantas ou animais

**Oxalá**

Orixá masculino da paz e serenidade, o mesmo que Osalufan

**Oxossi**

Orixá masculino da caça e da floresta

**Padê**

Farofa oferecida a orixá Esú

**Ronkó**

Quarto onde é realizado os rituais de candomblé

**Sassain**

O mesmo que sassaiyn, ritual de louvor e rezas as plantas e Ossain

**Vodúns**

Divindade cultuada pelo povo Jejê da África, o mesmo que orixá para o povo Ketu

**Wáji**

Pó azul

**Xangô**

Orixá masculino da justiça e dos trovões

**Yalorixá**

Mãe de Santo, a sacerdotisa responsável por uma casa de candomblé

**Yawo**

Pessoa que passou pelos rituais de iniciação